

LUÍS MENDES

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 23/07/2008

Qual o seu nome, data e local de nascimento?

Meu nome completo: Luís Pineda Mendes. Mas todo mundo me conhece por Luís Mendes. Nasci em uma cidade chamada Palmeira das Missões, no Estado do Rio Grande do Sul, no dia 9 de junho de 1924. Segundo a minha certidão, ao faltarem cinco minutos para as 4 da manhã.

Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?

Meu pai era advogado, Joaquim Mendes, era o nome dele. Minha mãe, de nacionalidade argentina, se chamava Maria Del Carmem Pineda Mendes (que ela adquiriu do meu pai).

Qual é a sua lembrança mais antiga do rádio?

Foi o primeiro rádio que eu vi. Meu pai comprou um rádio que tinha que ter uma antena, que era uma torre, que botaram do lado de fora. Era uma torre que tinha 15 metros de altura e o rádio tinha um alto-falante que parecia uma barriga. Não eram assim como eles são hoje, com a barriga pra dentro. Pelo contrário, a barriga era para fora. E as pessoas ouviam com fone. Então, uma só pessoa podia ouvir e, quando, eu me lembro que botei uma vez esses fones, foi uma tremenda de uma estática: tchatchaaaaa... aquele barulho... parecia uma tempestade nos seus ouvidos. A gente ouvia longe um som qualquer. E foi o primeiro contato que eu tive com o rádio.

E ouvia o quê?

Ouvi um locutor falando, um cidadão falando em espanhol, porque as estações mais fortes que se podiam pegar eram das fronteiras. Porque essa cidade era muito perto da fronteira com a Argentina. Então, a gente ouvia muito as emissoras argentinas. O rádio argentino era mais ativo do que o brasileiro. O rádio brasileiro

era incipiente, os argentinos já tinham há dois ou três anos algumas estações de rádio. Depois, foi melhorando isso aí. Vieram aparelhos mais perfeitos, todos podiam ouvir e eu acho que com 8 ou 9 anos de idade eu já ouvia trocando as estações facilmente o botãozinho.

Pegava o quê? A Rádio Nacional?

Pegava a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, que na ocasião era a emissora mais forte do Brasil, tanto que ela se anunciava da seguinte maneira: "PRH2, Rádio Farroupilha de Porto Alegre, a voz mais potente do Brasil". Porque todas as estações do Rio e de Porto Alegre tinham 10, 12 quilowatts, no máximo. E a Rádio Farroupilha inaugurou com 25. Então, foi a mais forte do país por algum tempo. Eu ouvia muito a Rádio Belgrano, El Mundo, La Nación, Excelsior, todas essas de Buenos Aires, ouvia a Rádio Continental e a Rádio Esporte, de Montevideú. Havia uma rádio chamada Cultura, de Vila Rica, no Paraguai. Essas eram as rádios que entravam melhor e a Farroupilha, das brasileiras. De noite, a gente pegava Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, a Rádio Record, de São Paulo, a Rádio Tupi, tanto a de São Paulo quanto a do Rio de Janeiro, e a Rádio Nacional, que era efetivamente, do Centro do país, em relação à minha posição geográfica, porque eu estava no extremo Sul, a Rádio Nacional era realmente a mais forte.

E você ouviu aquela primeira transmissão de Copa do Mundo feita em 1938?

Ouvi. Antes eu já havia ouvido o mesmo locutor que transmitiu a Copa do Mundo de 1938, transmitindo, pela primeira vez, de forma internacional para uma emissora brasileira, o Campeonato Sul Americano, realizado na Argentina, em 1936. Era o Gagliano Neto, o locutor, que foi, sem dúvida, um extraordinário locutor esportivo, que fez uma escola. No estilo dele, apareceram vários, inclusive eu. O Jorge Cury também. Era o estilo mais copiado, digamos assim. Depois apareceu o Oduvaldo Cozzi, que tinha um outro tipo de locução e também foi pegando. E como era fácil imitar aquele estilo, os locutores que surgiam, principalmente no interior do Brasil, surgiram imitando o Cozzi. E houve um crítico de televisão que colocou que estava havendo uma autêntica "psi ...cozzi" porque todo mundo que entrava, copiava, era fácil copiar o Cozzi.

Qual era a diferença de locução entre eles?

Era mais ou menos seguindo a bola e mentindo muito. Não havia televisão, não havia como confrontar aquilo que o locutor dizia, aquilo que realmente o que acontecia e, a todo momento, a bola passava *raspando* a trave. E, no entanto,

passava a dois, três, quatro metros de distância. Então, era uma mentira só. Foi uma entrada violenta, às vezes, era uma entrada até suave. Ou então, de acordo, com a torcida do locutor - o Ary Barroso, por exemplo, se fosse um jogador do Flamengo que levantasse o adversário numa falta, ele dizia: "Foi uma falta suave, leve, não houve esse problema todo", quando o juiz corria, e botava o dedo em riste para advertir o jogador. (Nesse tempo, não havia o tal cartão, eles vinham fazendo ameaças. "Mais uma vez, eu te coloco para fora de campo"). Quando era um contrário ao Flamengo que fazia uma falta dessa, ele só faltava chamar de criminoso, de assassino, ou coisa semelhante.

Como era acompanhar uma Copa do Mundo por essas transmissões internacionais?

Era sensacional. É claro que as transmissões, tecnicamente, não eram perfeitas. Hoje, você transmite do Japão, às vezes, com um som melhor do que o Maracanã. Mas naquele tempo parecia que você estava falando dentro de uma lata. E tinha um *fading*, como se dizia, que era um alto e baixo, que parecia que você estava batendo com a mão em cima da boca (blablablaba), fazia assim, sabe? Era interessante isso, mas a gente entendia e compreendia bem como estava se desenrolando o jogo. Foi sensacional. As transmissões de 1936 e 38 criaram polêmicas fora do comum. Em 36, quase criou uma guerra entre o Brasil e a Argentina. Principalmente para nós que morávamos na fronteira. O Gagliano contou coisas que faziam com os jogadores brasileiros, os argentinos batiam nos brasileiros, faziam e aconteciam, que a gente na fronteira ficava brigando com *los hermanos* do outro lado. E eles com a gente, do lado de cá. Foi quando ouvi, pela primeira vez, essa ofensa: "*ustedes son los macaquitos*". Mas não era por causa, como muita gente pensa, da nossa população em grande parte de descendência africana. Era porque eles achavam que os brasileiros tinham espírito de imitação. O que não deixa de ser verdade até hoje. Eu ando na Barra da Tijuca e vejo tantos nomes em inglês que, às vezes, penso que estou em Miami. Então, conseqüentemente, aquelas transmissões revolucionavam aos torcedores e semeavam uma grande emoção, fora de qualquer dúvida. E tiveram uma grande responsabilidade na paixão que se foi constituindo cada vez mais o futebol.

E como você começou a trabalhar em rádio?

Ouvinte que era, eu sonhava em fazer rádio, eu era inteiramente fanático, para usar a expressão *fã*, porque *fã* é uma abreviatura de fanático, eu era totalmente fanático pelo rádio, achava que sabia todos os prefixos, sabia como uma emissora se anunciava, como, por exemplo: as da Argentina, inclusive, eu quando imitava

os locutores: Rádio El Mundo, de Buenos Aires, Rádio Belgrano de Buenos Aires e *la primera cadeña* argentina de broadcasting... Eu ouvia isso tudo e imitava e também os brasileiros. Eu ouvia o César Ladeira e gostava muito. Era um locutor fabuloso, provavelmente, o maior de todos os tempos. Ele havia levantado ou ajudado a levantar a população paulista na Revolução de 1932, através do microfone da Rádio Record. Os movimentos para que a população paulista cedesse alianças, anéis e tudo que fosse objeto de ouro e prata que se tivesse em casa, a população cedia sob apelos que o César Ladeira comandava. Então, eu era admirador do César Ladeira, não que eu concordasse com a revolução paulista porque, naquele tempo, eu era muito pequeno para ter qualquer ideologia política, mas a verdade é que o César Ladeira era um locutor que eu gostava de ouvir. Depois ele veio para a Rádio Mayrink Veiga no Rio de Janeiro. Carlos Frias, na Rádio Tupi, Celso Guimarães, na Rádio Nacional, em suma, esses homens lançaram em mim a semente do rádio.

Mas você começa com o serviço de alto-falantes...

Alto-falante, porque é o que tinha. É aquela velha história, quem não tem cão, caça com gato. Então, começou assim. Era uma época de Natal e eu gostaria de dar à minha mãe um rádio porque havia um problema. Havia um aparelho só em casa e a minha mãe gostava de ouvir radioteatro e meu pai gostava muito de programa sertanejo. E, às vezes, os programas coincidiam, e alguém tinha que abrir mão de sua opção. E eu digo: vou comprar um rádio para a minha mãe, assim ela vai ouvir o radioteatro dela à vontade. Às vezes, eu queria ouvir programas esportivos e era impedido, porque eu cedia a vez para a minha mãe, é claro. Então eu resolvi comprar um rádio e fui a uma casa que vendia rádios na cidade de Ijuí, onde nós estávamos residindo. É próxima da cidade onde eu nasci. Eu cheguei lá e ouvi a conversa do dono da casa de eletrodomésticos dizendo para um amigo dele que estava com serviço de alto-falante pronto, mas não tinha locutor. Não tinha *speaker* para começar as transmissões. Aí, eu, ali mesmo, disse para ele: Tenho bastante conhecimento de como é que se fala em rádio. Mas eu tinha 16 anos, era um garoto, um menino. Ele me olhou assim meio desconfiado, mas disse para mim: "Então, vem amanhã à noite, às 8 horas vou anunciar com os boletins que vamos começar amanhã". O serviço de alto-falantes tinha oito alto-falantes na praça principal da cidade e 12 alto-falantes na rua principal. E, quando a gente ligava aquilo, todo mundo ouvia. Era só chegar na janela das casas, era uma cidade pequena... Hoje parece uma cidade grande, com mais de 100 mil habitantes. Mas, naquele tempo tinha 12 mil habitantes, se tivesse... E eu sei que eu comecei ali. Eu disse para ele, na hora em que eu me ofereci: "o senhor faz um concurso aí para

escolher um *speaker*". E ele disse, "tá bem". Quando passou um mês que eu estava trabalhando, eu virei para ele e disse assim: seu Rodolfo, o senhor não vai fazer o concurso para escolher o *speaker*. "Não, o *speaker* já é você. Você está muito bem como *speaker*". Me elogiou à beça e eu fiquei muito orgulhoso. Mas três ou quatro meses depois, passou por ali um tal tenente Ferich, que era oficial do exército, e ele era dono de uma emissora de rádio em Santo Ângelo, outra cidade vizinha, e essa estação se chamava Rádio Missioneira. Mas era rádio mesmo, tinha um watt só, mas toda a cidade ouvia nos rádios. A frequência: mil quatrocentos e pouco... me lembro... E eu fui pra lá, não fazendo nada de esporte. Foi anunciando discos, anunciando o comércio da cidade, a indústria da cidade, lia anúncios. Essas estações faziam muita dedicatória. A pessoa tinha uma namorada e essa namorada fazia aniversário. Ele sabia qual era a música que a namorada preferia, chegava lá, pagava 20 cruzeiros, na época, e aí pedia que ao meio-dia, pontualmente, botasse lá a música para a namorada dele ouvir. E avisava à namorada para ouvir a Rádio Missioneira ao meio-dia e o locutor, que era eu ou outro, que se chamava Mário Pinto - esse era mais veterano, já tinha atuado na rádio de Porto Alegre -, então a gente dizia: "Alô, Alô, senhorita fulana de tal, que hoje completa mais um aniversário natalício, vamos ouvir *Saudades de matão*, de fulano de tal. Dava o nome do autor, era obrigado a dar o nome do autor, e, em homenagem de seu namorado, fulano de tal, que lhe dá um abraço, fazia uma dedicatória, que quase sempre vinha escrita. Então anunciava essas coisas. Futebol... pelo contrário, eu até jogava meu futebolzinho lá no Grêmio Santo Angelense, como antes havia jogado em Ijuí, no Sport Club São Luís, era dos times juvenis. Bom, mas aí fecharam a Rádio Missioneira, porque Santo Ângelo, como Ijuí, são cidades colonizadas por alemães, e o tenente Ferrich, mesmo sendo do exército, anunciava sempre vitória das forças alemães. Era uma emissora que, nos seus noticiários, pendia, visivelmente, para os alemães. Para poder angariar anúncios, simpatia na região, que tinha uma população de origem alemã. Mas aí, quando o Brasil declarou guerra, em 1942, aos países do Eixo, e a Alemanha era um dos países do Eixo, foram lá, fecharam a rádio e prenderam o tenente Ferrich, mesmo ele sendo do exército, como se ele fosse nazista. Ele não era, era dinheirista, bem ao contrário. E prenderam o locutor que lia os jornais, o coitado do Mário Pinto, que só lia o que davam para ele ler. Eu não, porque eu só lia anúncio e falava de programas esportivos, do futebol, essa coisa toda, e transmitia as dedicatórias, era uma voz a esse serviço. A mim, me deixaram livre e eu voltei para Ijuí. E, depois, aí, eu digo: vou para Porto Alegre. Vou tentar o rádio lá. Peguei um trem e fui. Cheguei lá em Porto Alegre, as coisas não eram fáceis, era muito garoto, era muito difícil entrar para o rádio e então fui trabalhar em uma companhia, como correspondente,

porque era um bom datilógrafo. Era eu que escrevia as cartas para os clientes da Aliança do Lar Limitada (não existe mais essa empresa, porque, quando ela fez 10 anos e teve que devolver o dinheiro dos contribuintes - era uma espécie de capitalização - ela não tinha dinheiro. Era arapuca. Mas eu já tinha saído de lá, graças a Deus). Já tinha entrado para o rádio. Fui a um concurso de locutores esportivos da Rádio Farroupilha e ganhei o concurso. E daí pra frente, fiquei dois anos na Rádio Farroupilha e vim para o Rio de Janeiro em 1944. No dia 1º de dezembro, eu cheguei, antes, eu transmiti os jogos do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Esse Campeonato Brasileiro colocou São Paulo e Rio Grande do Sul frente a frente nas semifinais. E eu vim de Porto Alegre justamente para cobrir esses jogos, aí eu encontrei o Heron Domingues, grande locutor de notícia, o repórter Esso da Rádio Nacional, que trabalhava comigo em Porto Alegre e veio na minha frente, um mês antes. E ele estava morando na Rua Pedro Américo, em uma pensão chamada Renascença, que ficava no número 36, e a dona Esbelta, uma senhora de cor negra, mas muito simpática. E ela alugou para o Heron o quarto da frente, que era um verdadeiro apartamento, que logo a porta saía para o corredor, e a primeira porta do corredor era o banheiro. Então, parecia que aquele quarto tinha um banheiro especial. E lá dentro tinha uma pia grande com torneira, você podia se levantar e lavar o rosto ali mesmo, antes de tomar banho. Tinha uma mesa redonda, que ela servia o café da manhã para gente ali dentro. E, na hora do almoço, a gente ia almoçar no salão, e vinha muita gente de fora, que não morava da pensão, mas vinha comer porque a comida era muito bem feita. Bom, e nós pagávamos.... Quando eu cheguei, ele estava com um amigo, e dava três camas no quarto, quase tão grande como este estúdio aqui, bastante grande. Tinha três camas, estava um operador, que havia vindo com ele do Rio Grande do Sul, chamava-se Ciro, e uma cama vazia. E eles pagavam mil e quinhentos pelo quarto, com comida e tudo. Cada um pagava o quê? Setecentos e cinquenta. Com a minha chegada, diminuiu, cada um pagava quinhentas pratas. E então eu fiquei ali por dois anos, morando com os dois. Até que um dia o Heron chegou e disse: "Olha, vocês tratem de arrumar um outro lugar para morar. Porque eu vou para Porto Alegre, vou me casar e venho morar aqui. Ai, eu digo, paciência, ninguém ia ser contra isso. O Heron era romântico, eu me lembro que ele chegava assim na sacada do quarto, lá da pensão, que ficava para a frente da Rua Pedro Américo, e, em cima, estava a lua. Ele via que a lua, no dia seguinte, seria lua cheia, e ele escrevia para a namorada, a namorada era uma radioatriz da Rádio Farroupilha chamada Lurdes Cotrim, era com ela que ele ia se casar. Então, ele escrevia uma carta: "À meia-noite do dia tal, você sai na sua janela, olhe para a lua, que os nossos olhares nela vão se encontrar porque eu vou estar olhando para a lua...".

Olhe aí a poesia do meu amigo Heron. O Heron era cinco dias mais velho do que eu - nasceu no dia 4 de junho de 1924 e eu, em 9 de junho. Então nós festejávamos juntos o aniversário, cinco dias de distância, fazíamos uma festa só, conseqüentemente, gastávamos menos. Em suma, esse foi o meu início de vida. Mas no dia 2 de dezembro, eu inaugurei a Rádio Globo. Porque o dia 1º, quando o Heron rasgou a minha passagem de volta para eu não voltar, porque ele não queria que eu voltasse, aí não tinha como voltar: com a passagem rasgada, como é que ia voltar? Aí, fui à Rádio Globo, que estava na Rua Álvaro Alvim, e ia ser inaugurada no dia 2 de dezembro, e eu me lembro que fui procurar o chefe dos locutores, chamava Rubens Amaral, locutor que havia começado na Rádio Nacional, tinha sido contratado para a BBC de Londres e voltou da Inglaterra diretamente para a Rádio Globo. Ele era o locutor-chefe, ele que escolhia os outros locutores. Aí, eu cheguei nele e disse: "Sou locutor lá em Porto Alegre e queria ingressar na Rádio Globo. Eu também sei transmitir futebol". "Para o futebol nós não precisamos, porque temos uma equipe completa". E era, nada mais, nada menos, do que o Gagliano Neto, o locutor titular da Rádio Globo na ocasião, que foi quem convenceu o doutor Roberto Marinho a comprar a rádio Transmissora Brasileira para transformá-la em Rádio Globo. De maneira que era um cidadão importante, porque também era diretor da Rádio Globo. Então, eu não tinha nada do que me meter ali. Era dele, o terreno era dele. Mas, na outra parte, que eu sabia fazer também, eu me apresentei. Aí ele disse assim: "Você tem experiência?" Uma pergunta que veio em cima da minha juventude. Não tinha nem barba... tinha 19 anos. "Tem algum documento que prove?" Eu tinha uma carteirinha funcional e mostrei pra ele. "Então, você vem amanhã, às três horas". - "Mas você não quer fazer um teste comigo?". "Se você é locutor da Rádio Farroupilha, não precisa fazer teste". E às três horas da tarde do dia 2 de dezembro, no dia da inauguração da Rádio Globo, no programa Luís de Carvalho, chamado *Chá das três*, eu estreei naquela emissora e a inaugurei, porque foi no primeiro dia em que eu atuei. Aliás, nem foi mais no palco do Teatro Rival, onde a Rádio Globo começou a sua atividade. Foi no Teatro Municipal, no show de abertura do início da estação, que foi uma coisa sensacional. Todas as emissoras permitiram que seus grandes contratados, Silvio Caldas, Orlando Silva, Dircinha Batista, Aracy de Almeida, Odete Amaral, grandes cantores e cantoras da época, todo mundo se apresentou cantando no palco do Teatro Municipal no dia da inauguração da Rádio Globo. Eu me recordo que havia se casado com um industrial brasileiro chamado Henrique Lage, a maior cantora, a maior contralto do mundo, chamada Gabriela Besanzoni Lage. Ela era Gabriela Besanzoni, mas se casou com Henrique Lage e adquiriu o sobrenome dele. Tem até hoje o edifício que eles moravam, a casa maravilhosa, no Parque Lage, ali na

Rua Jardim Botânico. Ali era a casa em que eles viviam. Ela era a primeira contralto (não sei por quê contralto é masculino, soprano é masculino, mas soprano é mulher... não sei por que o tipo de voz delas é dito no masculino...) d[a orquestra do teatro] *Alla Scala* de Milão, que ela havia abandonado. Mas aceitou participar da inauguração da Rádio Globo. E eu a ouvi cantando e, realmente, ela tinha uma voz maravilhosa. Em suma, tudo isso aconteceu na inauguração da Rádio Globo, que foi no dia 2 de dezembro. E agora eu conto um detalhe que pouca gente conhece. No dia 3 de dezembro, o dono da Rádio Globo, doutor Roberto Marinho, fazia aniversário. Então, o senhor Henrique Tavares, que era o diretor geral da Rádio Globo, foi a ele, em vez de inaugurar no dia 2, vamos inaugurar no dia 3, porque é o dia de seu aniversário. E aí, o doutor Roberto Marinho respondeu para ele: "Não, senhor. Vamos manter. Todo mundo sabe que vai ser no dia 2, porque não estou fazendo uma rádio para mim, estou fazendo uma rádio para o Brasil". E não quis que a rádio fosse inaugurada no dia em que ele completava mais um aniversário.

Como era o programa *Chá das Três*, que você apresentava?

Tocava discos, falava curiosidades, fazia entrevistas com artistas, depois esses programas passaram a ser chamados... os caras que apresentavam esses programas passaram a se chamar disc-jóqueis. Hoje, chama de comunicador. Mudou muito a nomenclatura das particularidades dos apresentadores. E eu também acabei sendo um deles, porque fui apresentar um programa de manhã chamado *Alô, Rio*, que era de 8 às 10 da manhã, também cheio... aproveitava que o pessoal do radioteatro da Rádio Globo ia ensaiar, pegava um deles, batia um papo. Todo dia mudava, era um, era outro. Era uma espécie de antecipação daquilo que você vê ouve aí com o [Roberto] Canazio, o Francisco Barbosa, Francisco Carioca, o Antônio Carlos, o Haroldo Barbosa (que, lamentavelmente, nos deixou recentemente). Em suma, esses grandes nomes do rádio que apresentam programas e que são chamados hoje de comunicadores. Aquilo era o começo.

Você lembra da transmissão da final do campeonato brasileiro, que a Rádio Globo fez para os pracinhas da FEB lá na Itália, logo nesse início?

Não, não teve isso aí. Que eu me lembre, não.

Mas tinha alguma produção para os soldados?

Ah, sim. Fazia-se produções especiais para os soldados. Mas não era a Rádio Globo, era a Rádio Nacional. Fazia pela em onda curta. Aí é bem provável que eles transmitiram o jogo a que você se refere. Mas não foi a Rádio Globo, tenho certeza absoluta. Teve passagens marcantes, por exemplo, a estréia do Heleno de Freitas,

o grande jogador brasileiro no [time] Boca Juniors de Buenos Aires, eu mesmo quem narrou. E aí já era o locutor esportivo, a partir de 47. Quando o Gagliano Neto saiu da Rádio Globo, quem assumiu no lugar dele fui eu. Então, fiz essa transmissão de 1948, diretamente de Buenos Aires, com exclusividade, da estréia de Heleno de Freitas. Fizemos também, sozinhos, o final da Copa do Mundo de 1954, porque todo mundo vendeu as partidas no Brasil para os anunciantes. E a Rádio Globo vendeu para a Companhia Antártica Paulista e para o Alberto Portela e Companhia Limitada, que vendia os colchões Probel. Eu me lembro que até fiz um texto sobre a Probel, que dizia assim: "Antigamente, conforto era problema, hoje, conforto é Probel". Esse texto era meu, eu que coloquei no futebol, e aí fizemos a transmissão sozinhos, porque vendemos cinco jogos que, para o Brasil ser campeão, ele teria que passar do terceiro jogo, jogar o quarto e o quinto para ser campeão mundial. A gente acreditava, na verdade, é que vendemos cinco jogos. Aí fizemos mais dois que os outros. Os outros, no terceiro, o Brasil foi eliminado pela Hungria, todo mundo voltou, e eu fiquei lá. Fiz o jogo Uruguai e Hungria e fiz o jogo final entre Alemanha Ocidental (antigamente, hoje ela se reuniu, e ficou sendo só Alemanha, antes tinham duas: Alemanha Oriental, que jogava menos futebol, era mais fraca tecnicamente do que a Alemanha Ocidental). E a Alemanha Ocidental ganhou o campeonato mundial de 54 em cima da Hungria e eu transmiti, repito, com exclusividade esse jogo. Mas não foi exclusividade pensada, adquirida, porque nunca fui adepto de exclusividades, porque sou democrata e isso é uma questão íntima, e eu tinha pavor quando o Oduvaldo Cozzi impingia a sua transmissão para todos os ouvintes porque ele comprava os campeonatos sul-americanos e várias competições sul-americanas com exclusividade. Então, obrigava o ouvinte a ouvi-lo. O ouvinte não tinha o direito de escolha. Eu achava isso uma barbaridade, era contra isso. Essa exclusividade que aconteceu comigo foi pelo fato de ter comprado cinco jogos e eles só compraram três.

Mas você foi o único a narrar o jogo, a transmissão foi sua...

Ah, é claro... O Rádio Globo deu o som para todos. Provavelmente, até hoje não tenha se repetido um *pool*, uma cadeia, tão grande quanto aquela. Tivemos mais de quatrocentas emissoras retransmitindo o jogo nessa oportunidade. Mas não foi uma exclusividade adquirida com a intenção de dizer: "vão ouvir apenas nós e mais ninguém". Não houve isso, não. Foi uma coincidência.

Nesse início da Rádio Globo, como era a programação dela?

A Rádio Globo começou eclética, mais ou menos, no estilo que era a Rádio Nacional, a Rádio Mayrink Veiga, a Rádio Tupi, todas as emissoras. Exceto aquelas

que tinham pouco dinheiro, não tinham orquestras contratadas, elenco de radioteatro; só tocavam discos. Eram “vitrolões”, como chamávamos na época. Agora, a Rádio Tupi, Rádio Mayrink Veiga, Rádio Nacional e a Rádio Club do Brasil tinham programação ao vivo e eram ecléticas. Tinham radioteatro, *cast* de radioteatro, orquestra, programas de auditório. O César de Alencar era da Rádio Club do Brasil, ele e o Renato Murce, e eles foram contratados pela Rádio Nacional, porque o ibope deles era grande. A Rádio Club do Brasil era chamada no masculino, ninguém dizia assim: “Vou lá na Rádio Club do Brasil”. Dizia: “Vou lá no Rádio Club do Brasil”. Não sei porque era o único rádio macho que tinha, interessante isso, aí. Todas as demais eram “a” rádio. O Rádio Club do Brasil era “o” Rádio Club do Brasil.

Quando você chega aqui na Rádio Globo, no Rio, estávamos em pleno Estado Novo. Qual era a situação?

As comunicações não sofreram muito com o Estado Novo. A única coisa ruim que o Estado Novo aplicou nas comunicações foi a chamada *A Hora do Brasil*, que hoje se chama *A Voz do Brasil*. Isso foi o Departamento de Imprensa e Propaganda, que era o órgão dirigido pelo governo (no sentido de censurar). Isso tudo existia no radiojornalismo e nos jornais, na imprensa. Mas não havia nenhum rigor... Me lembro apenas uma vez ter visto uma coisa mais rigorosa. Foi quando eu era locutor comercial e eu acompanhava o Gagliano Neto nos jogos. Eu é que lia os textos comerciais nas transmissões. Eu ia para todos os jogos ao lado dele, porque ele é que era a grande expressão, a grande figura, ele transmitia o jogo e eu aqui: “Basta ser um rapaz direito para ter crédito na Exposição” e assim por diante. Um dia, aquele ator Douglas Fairbanks Junior veio como embaixador plenipotenciário dos Estados Unidos para uma visita ao Brasil. Ele ia dar o pontapé inicial do jogo Botafogo e Flamengo, no campo do Botafogo, em General Severiano, ao lado de onde é a sede ainda hoje. (Esse campo não existe mais, fizeram outro pequenino lá. Mas o estádio mesmo, que diziam que era o estádio mais bonito do Brasil, o slogan que se dava para o estádio de Botafogo). Então, ia dar o pontapé inicial: uma homenagem... E aí, ele não vinha... não vinha... Aí, não tinha iluminação noturna, passava de quatro horas, e o jogo não ia terminar de dia, então, deram a saída. Ele chegou com 20 minutos de jogo. Pararam o jogo e fizeram ele entrar em campo e dar o pontapé inicial aos 20 minutos. Aí o Gagliano não agüentou e disse assim: “Essa é de cabo de esquadra. Onde é que se viu dar o pontapé inicial com o jogo andando em 20 minutos... E qual é o prestígio relacionado com o futebol que tem esse ator americano?” Meteu o malho, ficou bravo com aquilo. Quando terminou o jogo, estavam dois cidadãos do DIP, dois oficiais do exército e

prendaram o Gagliano. A Rádio Globo teve que lutar para livrá-lo dessa prisão. Ele saiu, não ficou mais do que vinte e quatro horas lá. Mas havia essa coisa impressionante. Hoje, a Rádio Nacional, quando o presidente da República vai falar, ela pode estar no programa mais importante que existir: "Atenção, senhoras e senhores, vamos interromper a nossa programação para ouvir a palavra de sua excelência, o senhor presidente da República. Isso, no tempo de Getúlio, ele não deixava acontecer isso. Ele não queria que a Rádio Nacional tivesse placa branca. Por isso é que ela era popular. Não havia essa propaganda, ele é que tentava se enturmar com os artistas e se enturmava. No Ano Novo, ele passava junto com os artistas na casa do Victor Costa. Eu mesmo passei dois anos, em mudança de ano, duas vezes, na presença do presidente. Minha esposa, a Daisy Lucidi, era artista da Rádio Nacional, nós íamos para a casa, todos os artistas iam para a casa do Victor Costa, na passagem do ano, e o presidente Getúlio Vargas comparecia. Ele se enturmava com o rádio. E não se sobrepunha à programação da Rádio Nacional como esses bobões hoje fazem. Acho que é uma bobagem uma autoridade, um ministro, seja lá quem for, cortar um programa, porque ele se antipatiza com aquele que gosta daquele programa. Esse é o meu modo de ver. Mas eles todos fazem isso. Não deixa de ser uma coisa lamentável. Mas o velho Getúlio não fazia.

Quem mais trabalhava na Rádio Globo nesse início? Você falou do Rubens Amaral, do Gagliano Neto...

A Rádio Globo contratou a peso de ouro a então a maior radioatriz do Brasil que se chamava Zezé Fonseca. Eu me lembro até o salário dela: 12 mil cruzeiros, era um dinheirão isso aí. Delorges Caminha, que era um ator de grande renome no teatro, foi contratado como radioator. Quem fazia os papéis infantis com maior prestígio no rádio era a minha mulher, a Daisy Lúcida, foi também contratada. O Raul Brunini era um dos melhores locutores da Rádio Tupi, foi contratado. O Manoel Barcellos, era o segundo maior locutor da Tupi, o primeiro era o Carlos Frias, foi também contratado... Ataulfo Alves e as suas pastoras... um cantor que tinha muita evidência na época, João Petra de Barros, que o César Ladeira anunciava na Mayrink como "Uma voz de 18 quilates", e assim por diante. Tinha uma orquestra espetacular, que era do maestro Gaó, do Cassino da Urca. A Rádio Globo tinha um contrato com o Cassino da Urca, que aqueles grandes cantores internacionais que vinham cantar no Cassino da Urca, cantavam às quintas-feiras, às nove horas da noite, na Rádio Globo. Aí se criou esse termo, tão usado: horário nobre. A Rádio Globo criou isso: "Vinte e uma horas, este é o horário nobre da Rádio Globo". Aí entrava grandes nomes da música internacional: Jean Sablon, Pedro Vargas, Amália Rodrigues, cantora portuguesa de grande sucesso, enfim, todos esses

grandes cantores... Todos esses passaram pelo microfone da Rádio Globo, no chamado horário nobre. Hoje em dia, os grandes horários noturnos são considerados horário nobre. Mas foi um moço chamado Antônio Paraíso, que era um publicitário desse tempo, quem criou essa expressão.

Como você se tornou locutor esportivo na Rádio Globo?

Foi interessante. Eu ia ler os anúncios, como eu já disse. Mas, lá em Porto Alegre, eu havia sido locutor esportivo. Então, um dia, o Gagliano Neto - ele morava em Petrópolis... Havia um jogo no Estádio do Vasco, em São Januário, comemorativo ao Dia do Trabalho, dia 1º de maio de 1945. Os portões foram abertos para os operários, na época do Estado Novo, era muito levado em conta o Dia do Trabalho, era ligação do presidente da República com os trabalhadores. Ele iniciava o discurso dele sempre: "Trabalhadores do Brasil,", usava o "L" bem gaúcho, "Brasilll", e ele estava presente e a Rádio Globo lá para transmitir. Eu lá para ler os anúncios... O jogo era entre o São Paulo, o campeão paulista, e o Flamengo, campeão carioca. Estádio repleto, e nada do Gagliano chegar. Faltavam 10 minutos, veio a notícia de que ele não podia chegar, porque ele tinha furado dois pneus, primeiro furou um, aí ele colocou o estepe, depois furou o outro. Aí eu falei para um rapaz, Francisco Marques, mais conhecido como Chico: "Chico, pode dizer que, se não tiver outro, eu faço aqui a transmissão". Tinha o Jorge Amaral, que era de São Paulo e que atuava no lugar do Gagliano, quando ele não atuava... mas onde achar o Jorge Amaral? Ele não estava avisado, não estava escalado... Aí eu disse; pode deixar que eu transmito. E eu transmiti o jogo. Lembro-me que o Flamengo ganhou o jogo por 2 a 1, e me lembro de alguns jogadores que atuaram na época. No Flamengo, tinha um zagueiro chamado Nourival, tinha um goleiro chamado Jurandir. E no São Paulo tinha uma linha de ataque espetacular: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha... Só tinha cobra, as cobras mais venenosas estavam nesse jogo e eu estava lá, minhoca. Não era mais do que uma minhoca do rádio. Ninguém sabia que eu transmitia futebol, e eu transmiti o jogo. No dia seguinte, eu fui chamado na redação de O Globo para conversar com o doutor Roberto Marinho. Ele me recebeu muito bem e disse: "Mas você é um garoto...". E eu era mesmo... Custei muito a pegar barba, entende? Ele me olhou e disse: "Vamos fazer uma coisa... Eu espero..." A Rádio Globo estava querendo a se livrar do Gagliano, um narrador extraordinário, mas um pouco trapalhão nos negócios. Ele vendia as transmissões e recebia o dinheiro diretamente do anunciante. Ele não tirava o que era da rádio, mas o dele, ele pegava ali. Mas não é esse o esquema que se usa. Eu levo o anúncio, vamos dizer que eu tenho um amigo anunciante, sou o corretor, mas eu tenho que levar o dinheiro total para a rádio e a rádio me paga os 20%, na data

que ela determina para fazer esse tipo de pagamento. E não era assim que o Gagliano fazia. Ele pegava o dele, pagava o rádio. E a rádio não gostava disso. Então, eles estavam querendo se livrar do Gagliano por causa de ele quebrar esse protocolo. Aí, o doutor Roberto me disse: "Olha, você vai ficar escondido na programação, porque você vai ser o locutor esportivo da Rádio Globo". E aí eu fiquei dois anos até o início de 1947, fazendo o *Alô, Rio*, esse programa a que me referi, entre 8h e 10h da manhã. Eu entrava antes, às cinco da manhã, na *Hora da Ginástica*. Muitas vezes, eu saía de uma festinha, e ia direto para a rádio trabalhar. A rádio já estava no Teatro Carlos Gomes, nessa época. De forma que esse aí foi o meu início na parte esportiva. Mas eu estava já sempre entrosado em futebol, nunca me divorciei do futebol, que vinha da minha infância aquela paixão que eu tinha pelo futebol. Acompanhava tudo, sabia que um jogador saía de um time e ia para o outro, sabia de onde veio um jogador, coisas que eu sei até hoje, porque, graças a Deus, tenho boa memória. Eu me lembro desses jogadores todos como se hoje fosse, como se estivessem jogando hoje. Alguns deles, nem entre nós estão.

Por que a rádio funcionava em teatro?

Porque não tinha conseguido construir um estúdio, ela foi muito improvisada, era a Rádio Transmissora Brasileira, que era um desses vitrolões, a que eu me referi no início da nossa conversa, aí também não havia tempo de construir um estúdio. O primeiro estúdio da Rádio Globo foi na Avenida Rio Branco, 183, construído especialmente no Edifício Sul Rio-Grandense, que era da Sociedade Sul Rio-Grandense. Hoje, também esse edifício foi posto abaixo. Hoje, tem outro prédio ali, essa sociedade vendeu e se colocou em uma casa por aí, nem sei onde é que é. Eu não era sócio, embora eu seja também sul rio-grandense. Mas a verdade é que eu não era sócio da entidade, por isso, não sei onde ela está... Mas na verdade era uma sociedade muito bem organizada, ficava nos quarto e quinto andares, nós ficávamos no primeiro, segundo e terceiro, a Rádio Globo. No segundo, tinha um estúdio muito bonito que depois foi comprado pela RCA [Radio Corporation of America], quando a Rádio Globo foi para o estúdio na própria sede de *O Globo*, na Rua Irineu Marinho. Nós funcionamos ali por algum tempo e de lá depois viemos para onde estamos, na Rua do Russel. Aliás, ali, existem dois edifícios que são da Rádio Globo. Primeiro, ela funcionou em um, e comprou um andar do outro. Depois, comprou o edifício inteiro. Então, nós estamos em dois edifícios, na Rua do Russel, 347, e tem estúdios construídos muito bons.

Em 1947, você passa a ser o locutor esportivo da Rádio Globo...

É, e fiquei até 1955. Essas transmissões a que me referi, por exemplo, a final da Copa do Mundo, fui à Europa fazer as eliminatórias da Copa do Mundo de 50, fiz Inglaterra e Escócia, em Glasgow, fiz Iugoslávia e França, primeiro em Belgrado, depois em Firenze: um ganhou um jogo, o outro ganhou outro. A negra, a decisão, foi em Firenze (Florença, para falar como nós chamamos a cidade). Fiz esses três jogos e fiz Espanha e Portugal, em Lisboa e em Madri. Me lembro até do placar, em Madri foi 5 a 0, 5 a 1, para a Espanha, no Estádio Nacional, em Lisboa, foi 2 a 2. A Espanha se classificou e Portugal saiu. Em suma, fiz tudo isso durante o período... Tivemos aqui uma corrida de Fórmula-1, chamada Trampolim do Diabo, circuito da Gávea, que saía da frente daquele canal que tem no Leblon, na Visconde de Albuquerque, subia pela Avenida Niemeyer, passava onde hoje é aquele maravilhoso Hotel Nacional, que lamentavelmente está fechado, passava em um lugar chamado Lagoinha, subia para a Rocinha, tinha uma curva lá chamada curva do S, vinha de novo pela Rua Marquês de São Vicente e entrava de novo no canal. Os carros levavam de três a quatro minutos para fazer o circuito inteiro e isso se chamava o Trampolim do Diabo, veja só a dificuldade que era. E vinham volantes fabulosos, eu via [Gianluca] Lorenzi, Alberto Ascari, via o [Carlo Maria] Pintacuda, que era um fabuloso volante, vi o Von Rommel, grande volante alemão da época, e os nossos: Nascimento Junior, Norberto Jung, Catarino Andreatta, Francisco Landi, todos esses, e vi também o [Juan Manuel] Fangio e o [José Foilán] Gonzalez. Eles me convidaram para ir porque, naquele tempo, esses carros de corrida eram chamados de "baratinha", porque eles tinham mesmo o formato de uma barata e sempre tinha dois lugares. O volante ficava no lado esquerdo e tinha outro banco. Eu tinha um microfone sem fio e propus ao Fangio de dar uma volta na pista com ele dirigindo e eu fazendo uma narração. Eu quase não faço a narração. Ele aceitou e meteu aquela velocidade, era um volante extraordinário. Mas a gente sentia no traseiro a trepidação, porque aquilo ali era muito ondulado, como é até hoje. Naquele tempo ainda era pior do que hoje. Então, ia tremilicando, aquilo era um negócio muito sério. Mas eu dei a volta inteira... com esse volante que, dizem, que foi o maior de todos os tempos. Pelo menos, foi o único que foi cinco vezes, consecutivas, campeão.

Mas, Luís, a narração mesmo você fazia de onde e como?

A gente tinha construído um poço. Tem uma caixa d'água ali, na Visconde de Albuquerque, ao lado daquele edifício amarelo, que foi reformado agora, do Country Club. Ao lado, tinha uma caixa d'água, que era o ponto de saída e chegada. Depois, tínhamos um ponto na Gruta da Imprensa, outro na Lagoinha, perto do Hotel Nacional, e outro nessa tal curva da Rocinha, outro na Marquês de

São Vicente. E a gente ia fazendo, passava de um para o outro e acompanhávamos. Há uma piada interessante, de um grande locutor da época chamado Antônio Cordeiro, não chegava nunca à chegada o Alberto Ascari, italiano que era o maior volante do mundo, na época. Aí, informaram que o carro dele havia batido e que ele estava ferido. E aí, o Cury, que estava na Marquês de São Vicente disse: "Olha aqui, o Ascari, ao que parece, não chegou, não passou por aqui, nem chegou aí, evidentemente, porque sofreu um acidente, parece que o estado dele não é bom". Aí, o Cordeiro disse: "Mas essa não é essa informação que chega aqui. Disseram aqui que o estado dele não é de gravidez". Ele queria dizer que era de gravidade. [risos] Mas ele era um excelente locutor e era um homem, digamos, intelectualizado. Foi um lapso assim. Essas coisas podem acontecer a ponto de levar um cidadão correto na sua forma de atuar a cometer deslizes.

E a Copa de 1950? Como foi montada a cobertura que a rádio fez para a Copa, no Maracanã?

Nós fizemos, na Rádio Globo, um trabalho maravilhoso. Porque enfrentamos as deficiências técnicas da época, como se estivéssemos no próprio Rio de Janeiro. E nós estávamos com as asas muito mais abertas, porque tínhamos quatro ou cinco postos: no Rio de Janeiro, no Maracanã; Belo Horizonte, Estádio Independência; em Curitiba, Estádio Dorival de Brito; Porto Alegre, Estádio dos Eucaliptos e Recife, Estádio da Ilha do Retiro. Eram cinco, mas, nem sempre havia cinco jogos simultâneos, quatro, pelo menos, havia. Aqui, nós tínhamos um microfone em cada estádio, no Campeonato Carioca, nós botamos um microfone em um estádio, onde se realizava o jogo principal, e um microfone e um locutor em cada um dos outros estádios. Na rodada de cinco, seis jogos, a gente cobria tudo. Então, tinha que fazer o mesmo na Copa do Mundo. Mas, como fazer? Não tínhamos emissora em Porto Alegre, nem Porto Alegre tinha mais emissora de ondas curtas. Tínhamos que mandar o nosso som para lá e não tínhamos alcance para mandar o nosso som para lá. Em Belo Horizonte e São Paulo havia a linha telefônica. No triângulo central brasileiro, estava resolvido o problema. Mas Porto Alegre, Curitiba, Recife, como nós íamos cobrir? Então, eu peguei, fiz um plano, meio mirabolante, mas que funcionou. Peguei um homem chamado Vasco Rocha, que era radioamador e era repórter esportivo d'O *Globo* e mandamos para Porto Alegre. Então, ele ia mandar o som de lá para cá. Recife, também, com um radioamador pernambucano. Curitiba, a mesma coisa, um radioamador. Estava tudo resolvido quanto a vir o som. E mandar o som? Valeu o prestígio do doutor Roberto Marinho. Existia a *Hora do Brasil*, o transmissor da *Hora do Brasil* mandava o som de oito às nove para todas as emissoras do Brasil, então, ele chegava em toda a parte do país. Esse

transmissor foi alugado à Rádio Globo. Então, o nosso som saía daqui e ia para todas as cidades e vinha da forma como eu disse dessas cidades até nós. Cobrimos a Copa do Mundo de forma perfeita.

Naquele momento você já estava chefiando a equipe da Rádio Globo, não é?

Sim. Assim que eu assumi a parte esportiva, em 47, assumi também a chefia do departamento de esportes, mas sempre tive uma maneira de chefiar, em que eu colocava pessoas que, às vezes, tinham mais responsabilidade do que eu mesmo. Você conhece um político chamado Eduardo Paes? O avô dele, Lourival Paes, foi meu braço direito na Rádio Globo, chefiou comigo do departamento de esporte. Dava para ele carta branca para administrar. Porque nunca me considerei um bom administrador. O bom administrador tem que ser um sujeito enérgico. Eu não sou enérgico, eu sou muito maleável. Uma pessoa me chora uma mágoa, eu choro junto. Então, eu tinha que reconhecer esse meu defeito, não sei se é defeito ou virtude, mas para chefiar não deixa de ser um defeito e então eu colocava um para ser o tropa de choque. Era ele que resolvia esses problemas: o cara que reclamava de escala, o sujeito que não gostava de uma coisa, queria outra, um sujeito que não gostava de não ter férias na época que achava que deveria ter, essas coisas todas desgastam quem comanda. Como o Paes administrava muito bem o esporte, passou a administrar a rádio inteira. Eu botei o Otávio Name, que foi um nome que se consagrou, mas morreu cedo. Eu já estava na televisão: em 1955, eu deixei o rádio para ir para a televisão. Eu estava convencido de que o rádio, diante da televisão, passava a ser uma diversão de cego. Assim que eu pensava: "Com a televisão, só cego vai ouvir o rádio". E, com essa convicção, eu me transferi do rádio para a televisão.

Mas também foi por uma conveniência profissional. A TV Rio ia ser inaugurada e não tinha locutor esportivo e fez uma pesquisa no Rio de Janeiro para saber do público quem era o locutor do rádio que eles gostariam de ver na TV. Eu não esperava, nem pensei... Os mais antigos, tinha o Ary Barroso (não podia ser porque ele já era da TV Tupi), Oduvaldo Cozzi (era certo que poderia ir, porque era um grande locutor e tinha uma audiência muito grande), Antônio Cordeiro, da Rádio Nacional, que tinha muita audiência e ele também tinha. (Quando uma pessoa gosta de uma rádio... estou abrindo um parêntesis nessa história... Quando o Javier Cugat [cantor espanhol] veio fazer o horário nobre aqui, veio atuar no Cassino da Urca, uma mulher ligou para a Rádio Globo. E eu estava no meu telefone direto, na minha sala - isso já foi numa época em que já havia assumido a direção esportiva - atendi, e ela, lá do outro lado, falou comigo: "Eu queria que o senhor me dissesse

em que frequência fica a Rádio Globo, porque sou fã do Javier Cugat e queria de ouvi-lo. E soube que ele vai tocar hoje à noite na Rádio Globo". Eu disse, olha, qual é a posição está o seu rádio? "Está na Rádio Nacional". "Então, a senhora vai três emissoras para a direita, a terceira é a Rádio Globo". "Ah, muito obrigada". Cinco minutos depois, a mulher ligou de novo. "Ah, eu queria que o senhor fizesse mais uma gentileza. Mandasse um técnico aqui". Eu disse: "por quê?". "Porque eu fui mudar o ponteiro e meu rádio é de barbantinho e, na hora que eu fui mudar, ele arrebitou. Porque eu nunca tirei da Rádio Nacional". Ela nunca tinha tirado, não sabia nem onde era a Rádio Globo. E aí então, eu mandei um técnico para arrumar o rádio da mulher para ela poder ouvir o Javier Cugat). Fugimos da meada para eu contar essa história... Eu estava contando...

Falando sobre a sua chegada na TV Rio...

Aí, então eu pensava que, pela força que tinha a Rádio Nacional, que o Cordeiro e o próprio Cury, que atuava com ele também pudesse ser [preferido do público para ir para a TV], mas, no fim da conta, o Péricles do Amaral e Aristides Cerqueira apareceram lá em casa e disseram: "Olha, você foi escolhido pela pesquisa popular, então vamos ver como é..." " Vocês têm que me fazer uma proposta". Fizeram realmente uma proposta irrecusável. Eu ganhava 11 mil cruzeiros na Rádio Globo e eles me ofereceram 35 mil. [risos]. Eu tinha um grande amigo que dirigia a Rádio Globo nesse tempo, o Luiz Brunini. Todo o domingo, ele almoçava comigo e ia depois ao jogo lá em casa. Eu disse: "vou ter que conversar com o Brunini. Tenho que contar que tenho essa proposta". Eu tinha 11 anos de casa, também tinha estabilidade, que isso também vale dinheiro, não é? Aí, fui falar com ele. Aí, o Luiz Brunini, que tinha essa intimidade comigo, disse: "Luís, o que é que você está fazendo que ainda não foi? Se fizessem essa proposta para mim, eu que sou o chefe, eu iria correndo, por que você não vai? Eu, como diretor, não quero que você vá, mas como amigo, só posso querer que você vá". Então, vou sentar aqui, vou tomar coragem e vou escrever uma carta pedindo demissão. Fui lá na TV Rio, no Cassino Atlântico, e assinei o contrato. E fiquei na TV Rio de 1955 a 1970, sem sair para fazer rádio. Nunca mais fiz rádio até ali. Só em 70, é que o Waldir Amaral me fez um apelo pedindo para ser comentarista da Rádio Globo, porque o Rui Porto, um excelente comentarista, tinha ido para a Rádio Tupi e ele ficou sem comentarista. Então, ele disse... Não quero mais fazer rádio, já passei pelo rádio. "Mas por que não?" Aí voltei a fazer rádio. Passei a fazer simultaneamente rádio e televisão. Narrava futebol e esportes, de modo geral, apresentava aquela *Resenha Esportiva*, aquela que tinha o Saldanha, o Armando Nogueira, o José Maria Scazza, o Nelson Rodrigues, o Vitorino Vieira, Hans Henningsen, o Alan Fontaine, que era a

Grande Resenha Facit. E apresentava o programa de boxe, narrava e tudo. Então fiquei na televisão fazendo a mesma coisa que eu fazia e adicionei. Quando não tinha trabalho na TV fazia rádio.

Querida voltar ainda à Copa de 1950. Como foi a experiência do jogo da final?

Foi uma experiência... Há quem goste de chocolate amargo, e há uma gíria no futebol que diz que quando um time joga muito bem, dá um chocolate no outro. Acho que isso vem de show, só que não é "showcolate" é chocolate. Mas também muita gente que vai dizer show, não diz show, diz "chow"... Daí é que nasce o chocolate. Quer dizer, o time que dá um show, saboreia o que é de bom: o chocolate. Mas aquele foi um chocolate amargo. Porque o nosso time jogou bem, melhor do que o time uruguaio, mas os uruguaios nos ganharam. Isso é uma coisa corriqueira em futebol. Nem sempre quem joga melhor, ganha. Nem sempre o melhor time, ganha. Em Copa do Mundo tem acontecido isso muitas vezes. Aconteceu em 1950, conosco, em 1954, com a Hungria, em 1974, com a Holanda. Tinham, efetivamente, o Brasil, a Hungria e a Holanda, os melhores times. Mas não ganharam as Copas do Mundo, que poderiam ganhar. Em 1994, nós não tínhamos um grande time e fomos campeões mundiais. Então, há essas coisas no futebol, que fazem dele essa paixão que é. Porque ele é sempre uma coisa incerta. Eu, por exemplo, acompanho os jogos de basquete, que acho bonito, na NBA, nos Estados Unidos, mas sempre sei quem vai ganhar. Porque sei qual é o time melhor e aquele ganha. Também quando há uma corrida de 100 metros, também sei quem vai ganhar. O recordista, que já é recordista, raramente perde. Em 100 vezes, ele vai perder uma, porque a gente já sabe o tempo que ele tem. Se ele tem nove segundos e 75 centésimos, como é o recorde mundial, ele é que vai ganhar, porque o outro não tem isso, não chega a nove e setenta e cinco, chega a nove e oitenta, nove e noventa, sei lá. Então, já sei quem vai ganhar. No futebol, não. Futebol, até o time de terceira divisão já ganhou uma Copa da Inglaterra. Já ganhou. Aqui no Brasil, clubes da segunda divisão já ganharam a Copa do Brasil, disputando com times da primeira divisão. O favorito é sempre entre aspas no futebol. É muito difícil quando me perguntam: "Qual é o favorito?". Digo que o favorito é o Flamengo, mas isso não quer dizer que o Flamengo vai ganhar. Porque, outro dia, ele entrou de favorito contra o América do México, ganhou o jogo no México e aqui perdeu e saiu da Copa dos Libertadores, porque essa é a grande razão da força que tem o futebol. Por exemplo, futebol não vence nos Estados Unidos só por uma coisa: o americano quer que exista um vencedor. E o futebol tem empate, isso é o que não deixa o futebol... No dia em que descobrirem uma fórmula sempre ter um

vencedor, o futebol entra também nos Estados Unidos, que até já entrou entre as mulheres. As mulheres dos Estados Unidos já disputaram e já ganharam o título mundial no futebol, não de bola oval, o deles, o nosso, de bola redonda.

Você narrou a final em 50?

Eu narrei. E há uma gravação minha que de vez em quando passam, em que eu venho narrando normalmente o lance, “fulano com a bola, passou por Bigode, segue na direção da área brasileira, vai pelo lado da área brasileira, volta Bigode e se defronta, aplica novo drible Bigode, chega na linha de fundo, chuta. É gol do Uruguai. Gol do Uruguai”. Aí, sinto que o Brasil está perdendo a Copa do Mundo e faço uma pergunta, que deve ser para mim mesmo: “Gol do Uruguai?” E respondo também para mim mesmo: “gol do Uruguai. Gol do Uruguai, senhores”. E vou assim, com inflexões diferentes até completar nove inflexões, nove tons diferentes da narrativa do gol do Uruguai. Continuei falando, “mas que barbaridade, isso não podia ter acontecido”, olho para trás na cabine e vejo passar um sujeito que narrava futebol na emissora Continental conduzido por colegas, uns pegando a cabeça dele, outros os braços, parte da cima, outros pegando as pernas, passando por trás da nossa cabine, porque ele desmaiou. Veja o impacto que o gol do Uruguai... Ele caiu, perdeu os sentidos, foi levado para o ambulatório que funcionava lá no estádio, e outros não conseguiram continuar narrando, inteiramente paralisados. Eu ainda narrei, mas fiz uma narrativa que não me honra nada, porque ali mostra que eu estava saindo dos rumos daquilo que eu acho que o repórter deve ser, ele deve ser sempre neutro, quando estiver descrevendo alguma coisa para o público. Não pode, mesmo que seja o país dele que esteja em atividade, ele não pode pender para lado nenhum. Ali, eu passei o recibo. Estou torcendo pelo Brasil.

Quando começou a ter repórter no campo?

Começou em 1942, 43, mas era um repórter que ficava atrás do gol. Foi o Cozzi quem botou, um deles se chamava Ailton Flores, apelidado Canarinho, e o Cozzi tinha ido em Buenos Aires e tinha visto as transmissões do Lalo Peliciari, um locutor atrás de cada gol para fazer esclarecimentos. E, de fato, os locutores argentinos até discordavam, às vezes, do locutor. Ele dizia uma coisa: “*La pelota salio por cerca del palo*”[a bola saiu perto da trave], que quer dizer perto da trave, do poste, e às vezes, passava longe. Aquele que estava ali, dizia: “*No foi tan cerca, foi um pouquito alejo*”, um pouquinho mais longe. Só que os do Cozzi só concordavam com ele. “Fala, Canário”. E o Canarinho, lá de baixo: “Foi exatamente como você disse, Cozzi, a bola, passou assim, assado”. Tudo era confirmação. Aí, a dona

Magdala da Gama Oliveira, que com o nome de Mac escrevia uma crônica no extinto *Diário de Notícias*, fez uma crítica a isso, dizendo que eles não eram esclarecedores, eles eram concordadores. Aí, o Cozzi fez uma reunião, chamando todos os repórteres e disse. "Olha, vocês não precisam concordar comigo. Quando não for aquilo que vocês achem, têm que dizer o que realmente aconteceu. Aceitou a crítica e falou com todos eles. Aí, um jogo em Figueira de Melo [o estádio], o Cozzi estava transmitindo, porque, antes do jogo, deu uma fumaceira no campo, aí, o Cozzi falou - ele era muito poético na forma de transmitir: "Estamos tendo um aspecto londrino, como se tivéssemos o *fog* de Londres aqui em Figueira de Melo". Ele falava assim, como essa entonação, e o Mário Figueiredo, que chamavam de Mário Tereré, estava lá embaixo, resolveu, então, esclarecer bem: "Não é *fog* coisa nenhuma, Cozzi, é uma maria-fumaça que está passando aqui atrás do estádio e que está largando aquela fumaceira toda". Essa história também ficou como uma anedota do rádio. A primeira vez que o cara contestou, já contestou em um fato que não era isso. A poesia do Cozzi cabia, porque realmente a fumaça lembrava o *fog* londrino. Assim como hoje se diz que a concentração do Brasil em Teresópolis tem sempre uma espécie de *fog* londrino, porque lá sempre tem cerração, principalmente no inverno.

Como era o equipamento desses repórteres lá no campo para a transmissão?

Era um microfone mesmo. Colocava um amplificador lá atrás do gol, com fio. Aí, em São Paulo, surgiu na Rádio Panamericana, especializada em esportes, um microfone sem fio, que era grande assim, desse tamanho. O sujeito botava nas costas, tinha um suspensório, e o microfone era plugado. Aquilo funcionava com bateria e era pesado, pesava, pelo menos, uns seis quilos. Vi aquilo, fui fazer uma transmissão lá em São Paulo e achei ótimo. Eu perguntei para o cara da Panamericana: "Onde é que você mandou fazer isso?" "Quem faz é o Fagundes, ele que fez para nós". Paulo Fagundes era o operador-chefe da Rádio Panamericana. Fui falar com ele, e ele disse: "Cubro tanto". Anotei tudo. Cheguei na Rádio Globo, contei que aquilo era novidade muito boa. E que ia superar os microfones, porque o cara que ficava atrás do gol não podia entrar, não tinha esse fio comprido, que depois eles botaram. Mandei fazer, e quando veio tinha um problema (a Rádio Panamericana também tinha): não dava para o cara no meio do campo ouvir você, não havia rádio de pilha. Você tinha que dar o sinal. Quando ele chamava você, ele não sabia o que você estava dizendo. O locutor estava falando e eu, por exemplo, passava para ele assim: "E agora, então, o nosso repórter de campo, com o nosso microfone sem fio, Geraldo Romualdo da Silva". E dava um sinal com um lenço

vermelho para ele. Ele, lá no meio de campo, quando ele via eu fazer assim com o lenço vermelho, ele entrava. De noite, era lanterna. Tinha uma lanterna que eu acendia, ele via, e entrava. Mas nunca entrava, porque ele não via. Até que fui em Londres fazer um jogo e vi nas vitrines os radinhos de pilha de marca Emerson. Só que esses radinhos eram de pilha, mas também eram de válvula, não eram transistorizados. Comprei dois e trouxe. Então, o repórter já podia ouvir, foi um show isso aí. Todo mundo comentava, era espetacular. Aí a emissora Continental mandou vir de fábrica da RCA e deu um nome pomposo: BTP A 1, sei lá o quê, como hoje, esses satélites, Apolo 2, Apolo 3, não sei o quê. Era o microfone sem fio, mas o deles já profissionalizado. O meu, artesanal. Depois também começaram a surgir outras marcas: Motorola, General Electric, aí começou a proliferar. Mas, no começo, o primeiro foi assim, como eu contei...

Em que época era isso aí?

Em 1946, por aí.

E essa viagem que você vai à Inglaterra?

Não, foi 1946, foi 1947... Isso do microfone cangalha, como dizia o Geraldo Romualdo da Silva, quando pedia para colocar: "Quer colocar essa cangalha em mim?" Porque cangalha é o nome que se dá para o que se coloca em cima dos burros, para carregar carga. Eles chamam aquilo de cangalha. Isso foi em 47. Os que vieram, já vieram em 49, esse da Continental. Depois, todo mundo passou a ter esses equipamentos mais modernos. Mas o primeiro repórter que entrou no campo foi o Geraldo Romualdo da Silva, grande jornalista de futebol, de esporte, de modo geral. Era uma enciclopédia, era assim considerado no *Jornal dos Sports*. Qualquer coisa que se perguntasse a ele, ele tinha no arquivo. Não era um arquivo de memória, não. Era um arquivo que ele tinha mesmo, ele te dava a resposta. Como hoje você faz com o computador, não é? A gente pode consultar tudo. Eu não uso computador, não. Porque, graças a Deus, eu me lembro de tudo, até dos marcadores do placar de cada jogo que eu vi e fiz, eu me lembro.

Você falou do *Jornal dos Sports*. Entre os jornais e as revistas, qual era importante na cobertura esportiva?

Futebol, 99,9%, havia reclamação quando você fazia uma coluna de esporte amadorista. O boxe, só começou a crescer no Brasil quando eu fiz na TV a luta de boxe, *TV Rio Ringue*. O voleibol só cresceu graças a um moço chamado Luciano do Valle, que cometeu duas façanhas na TV. Uma foi lançar e popularizar o voleibol que, hoje, é o segundo esporte. A outra foi introduzir na crônica esportiva 80% de

analfabetos que falam em rádio e TV, que são os ex-jogadores de futebol. Alguns, não. Há exceções. Mas foi uma violência. Eu me lembro que quando botei o Otávio Moraes como comentarista da Rádio Globo, ele havia sido jogador do Botafogo e artilheiro de um campeonato de 1948 com 21 gols, junto com Orlando Pingo de Ouro, também 21 gols. Eu botei ele para comentar futebol, mas ele era arquiteto. Porque eu sempre respeitei a correção gramatical, a capacidade intelectual de quem fala no microfone e de quem escreve em jornal. Jamais admiti que um sujeito que não tem correção gramatical no falar pudesse falar no rádio e pudesse escrever nos jornais. Mas o Otávio, que talvez tenha sido o primeiro ex-jogador como comentarista - fui eu quem o lançou, pode ter sido eu o pioneiro disso, não porque eu coloquei um arquiteto, formado, curso universitário - não era um qualquer. Não era um sujeito que só chutou bola bem, fez gol bonito... Não era isso, não. Mas o Luciano de Valle se cercou de homens que continuam aí, mas dizem coisas terríveis. Embora o João Saldanha - isso é bom eu contar - era popular na maneira de falar. Havia quem dissesse que ele era popularesco, que fazia questão de falar coisas erradas, às vezes. E, um dia, ele me pediu para eu copiar um artigo que ele fez para a *Manchete*, ele escrevia para a revista *Manchete Esportiva*, uma coluna, e ele me pediu para eu copiar aquilo. Eu me sentei na máquina, comecei a copiar e vi que estava escrito assim: "Seje...". Aí, eu não agüentei: "João, você sabe que é seja, por que você diz seje?" Ele fez assim para mim: "Porque o povo fala seje". Eu digo que, você falando no rádio, tem que ensinar o povo a dizer seja. Não é o povo que tem que te ensinar a você erradamente seje. Ele disse, não: "Não, eu fiz um curso de comunicação social na União Soviética e lá eles procuram falar igual ao povo para poder chegar ao povo, se não, não chegam ao povo..." Eu me lembro que ele teve essa expressão: "O sujeito sobe pelas paredes para poder entender o sujeito que fala muito corretamente..." Aí, eu digo, são teses. Há teses e teses. Essa pode ser a mais errada possível, mas é uma tese que deve justificar porque esses caras também são ouvidos, quando, na verdade, eles matam a gramática todo dia e não vão para a cadeia. Matam, cometem o crime e não vão para a cadeia. E eu acho que o Luciano do Valle, que foi o grande animador do vôlei, foi também o criador dessa barbaridade de a gente ouvir semi-analfabetos falando ao microfone.

Você falou do João Saldanha, conta como foi criada a *Grande Resenha Esportiva* na TV Rio.

Havia uma eleição e a TV Rio organizou uma mesa-redonda de grandes críticos da política. Estavam nessa mesa-redonda Oliveira Bastos, que escrevia na *Tribuna da Imprensa*; o Castelinho, que escrevia no *Jornal do Brasil*; aquele da *Manchete* e que

é da Academia Brasileira de Letras hoje, Murilo Mello Filho - ele era da TV Rio também, na época - e o Villas-Bôas Corrêa. Fizeram uma mesa-redonda para eles discutirem política. Um tinha opinião, o outro tinha outra opinião, e eu entrei na sala do Walter Clark, e ele estava com uma porção de companheiros, inebriado, vendo e ouvindo a mesa-redonda. Fiquei quieto, assistindo. De fato estava bom, eles estavam discutindo se o Lacerda iria ter mais votos do que Brizola, eleição para deputado, aquela coisa....De repente, entrou um intervalo, e eu virei para o Walter e disse: "Walter, esse negócio aí, a gente podia fazer no futebol. Eles têm esse negócio aí de quatro e quatro anos quando têm eleição, e nós podemos ter todo domingo, de noite". Ele fez assim para mim e não disse nada. Continuou aquilo e, no intervalo seguinte, ele virou para mim (ele me chamava de Gaúcho). "Gaúcho, você sabe que você descobriu um veio ouro? Vamos fazer esse programa". E ali já começamos a matutar o programa. Ele indicou o Nelson Rodrigues e o Armando Nogueira, eu indiquei o João Saldanha, que estava na Rádio Guanabara, ainda sem nenhuma evidência como comentarista, porque a Rádio Guanabara era muito pouco ouvida, embora tenha organizado uma grande equipe. O Edson Leite veio de São Paulo, ele era da Bandeirantes e eles compraram a Rádio Guanabara, e ele montou uma equipe, provavelmente, a maior equipe que se montou em esportes no Rio de Janeiro. Mas a rádio não tinha equipamento para ser ouvida, então, ninguém ouvia. Olha só os locutores que ele levou para lá: Oduvaldo Cozzi, Jorge Cury, Doalcei Camargo e outros. Mas esses três eram de primeiro time. Mário Vianna, para a arbitragem. João Saldanha, que tinha sido técnico do Botafogo em 1957 (campeão), saiu em 1958, isso foi no ano de 59. Então, esses todos aí. Eu ouvi o Saldanha uma vez e achei interessante. Meu Deus, esse cara fala popularmente, fala como se fosse um ouvinte, e não um locutor, um comentarista. Achei interessante a forma dele, totalmente diferente de todos. Por isso, indiquei o nome dele. E lembro que o Walter Clark disse para mim: "Você está doido? Se eu trazer esse sujeito para cá, aí é que vão dizer que eu sou vermelhinho... Já dizem que eu sou vermelhinho", quer dizer, comunista... Porque o Walter era de esquerda, mas não era comunista. O Saldanha não. Era de extrema esquerda. Jogava por fora do alambrado, na ponta esquerda. João era. O jogo, quando ia haver perseguição a comunista aqui, ele já preparava a mala dele, porque sabia que ia ser preso. Ele e o Mário Lago faziam isso.

Então, o Walter aceitou a idéia. O José Maria Scassa tinha um anunciante, aí nós fizemos... Isto foi idéia do Walter: cada um que torcia por seu clube defender o seu clube. O Scassa ficou defendendo o Flamengo; o Saldanha, o Botafogo; o Armando Nogueira era Botafogo, mas preferiu manter um padrão neutro. E eu também quis ser neutro, porque eu ia ser o mediador, o comandante do programa, como se

dizia, mas no meu modo de ver, o âncora, se quiserem. Eu tinha que colocar os assuntos e tirar os assuntos. Quando um assunto se desgastava, eu tirava e botava outro. E tinha uma pessoa que escolhia esses assuntos, que era o Augusto Mello Filho, o Gu, que estava também nessa reunião, porque ele estava junto com o Walter e com os outros, assistindo ao tal programa da mesa-redonda política, que foi o programa que deu a idéia. Agora, o Chacrinha dizia "no mundo, nada se cria, tudo se copia", não deixou de ser uma cópia, embora fosse também uma criação, porque foi a primeira mesa-redonda do esporte.

Como foi a atuação do Nelson Rodrigues?

Era muito boa, tinha coisas ótimas, maravilhosas. Nelson Rodrigues, quando ia assistir a um jogo, ficava meio dormindo na Tribuna da Imprensa. Quando havia um grito do público, uma vaia, ele perguntava para o companheiro do lado: "O que aconteceu?" O cara dizia: "O jogador deu uma furada lá". "Mas quem furou?". "Foi o Pinheiro"... Ele só fazia com a cabeça que sim. No dia seguinte, fazia uma crônica sobre a furada do Pinheiro e era um sucesso. "Meu personagem da semana". Um dia, eu disse para ele assim: "Nelson, você é tido e havido um dos maiores escritores brasileiros, como você bota um título errado desses?" - "Como, errado?". - "Personagem vem da palavra pessoa, uma palavra feminina. Tinha que ser: minha personagem da semana". "Pode ser, mas o povo não fala 'minha personagem', fala 'meu personagem'. Depois, eu falo sobre homem. Ninguém vai achar que um homem é a personagem". Tudo bem. Eu me lembro que ele tinha essa coluna "Meu personagem da semana", e ele pegava um cara como esse, o cara praticou um pênalti, aquele era o personagem da semana. Ele não viu o pênalti, nem nada, não via nada. Um dia, ele perguntou porque estava havendo uma vaia da torcida do Fluminense (tinham dado um pênalti a favor do Botafogo, num lance em que o Oliveira, lateral direito do Fluminense, deu uma tesoura na cintura do Jairzinho. E o juiz deu pênalti). E ele chegou na *Resenha Esportiva*, na *Revista Esportiva*, no programa, e disse que não tinha sido pênalti. E eu tinha mandado preparar o *tape* [videoteipe], e eu combinei com o Saldanha antes: Olha, ele vai dizer que não foi pênalti. Então, você pergunta se temos o lance. E eu vou dizer que nós vamos botar. "Porque aquilo não foi pênalti. Aquilo foi uma garfada do árbitro". Aí, o João disse assim: "Ô, Luís, tem o *tape* aí, para esclarecer os telespectadores?" Aí, eu disse: "Tenho". (Estava tudo combinado). "Será possível passar?" "Vamos ver se tem isso lá em cima... Ah, o Masson está dizendo que tem, então vamos botar isso aí. Vamos ver isso aí". Botou lá e o João: "Viu, fulano? Está claro que foi uma tesoura voadora na cintura do Jairzinho. Pênalti claro. O videoteipe provou que foi pênalti". "Se videotape provou que foi pênalti, pior para o

videotape. O videotape é burro!” E ficou essa frase até hoje. E outra... Uma vez, ele estava dormindo, aproveitou o intervalo e dormiu. Quando voltou, ele continuou dormindo e o Scassa pediu para a câmera mostrar. Surgiu o Nelson no ar, dormindo. Mas, no momento em que todo mundo começou a rir, ele acordou e viu que estava sendo focalizado dormindo. E o Scassa disse: “Você quer desculpa, mas não houve nada. Você fica dormindo...” Aí, o Nelson disse: “Scassa, até dormindo, eu sou mais inteligente que você”. [risos] Assim, ele fazia as coisas dele. Em uma outra vez, ele armou uma jogada para cima de mim e do João Saldanha. Nós tínhamos ido cobrir o jogo Uruguai e Argentina, lá na Argentina, e nós voltamos de lá... o jogo foi muito bonito, a Argentina ganhou de 2 a 1 para o Uruguai, aí ele armou pra cima de mim e do Saldanha. “Você, Luís Mendes, você, João Saldanha, vocês foram a Argentina fazer o jogo Uruguai, Argentina. Vocês viram algum craque lá nesses times?” Aí, eu falei que tinha visto La Bruja... o João falou de outro lá, muito bom, Néstor Rossi... Aí ele disse: “Câmera em mim”. Aí veio a câmera nele... “Vocês viram o Luís Mendes e o João Saldanha? Eles nasceram, trabalham, vivem e vão morrer na terra do Pelé e do Garrincha e ficam elogiando o La Bruja e o Néstor Rossi, são uns engraçadinhos”. E nos deu uma gozada desse jeito. Ele fez a pergunta, nós respondemos e parecia que nós estávamos dizendo que esses caras eram melhores do que o Pelé e do que o Garrincha. E não eram, evidentemente. Mas eram bons, eram craques do futebol. Ele assim, era extraordinariamente valioso naquele programa, porque ele emprestava a graça e a inteligência dele, a genialidade dele, de forma geral.

Como o programa vai para a TV Globo?

Houve uma proposta. O Walter Clark já estava na Rede Globo, me chamou e me fez uma proposta para nós irmos para lá. Tínhamos voltado da Copa do Mundo de 66 e aí eu não pude ir, porque eu tinha de TV Rio 22 anos de casa, tinha ido para lá em 1955 e era já 1966, eu tinha 11 anos, mas a estabilidade contava em dobro. A lei determinava que quem completasse 10 anos não podia mais ser mandado mais embora, adquiria estabilidade, e o tempo contado para efeito de indenização, se houvesse acordo, como se fosse o dobro do tempo. Então, quem tivesse 10 anos, tinha, na verdade, 20. Quem tivesse 11, como eu, tinha 22. E eu não ia lá botar fora isso, era um patrimônio. “Só se eu for indenizado por vocês” - “Não...” Ficava meio pesado. Aí eu não fui. Quem assumiu o comando foi o Luiz Alberto, que era muito bom. Bom narrador, bom apresentador, mas o programa lá não havia jeito de ganhar o mesmo prestígio que tinha na época da TV Rio, até que o Walter falou comigo: “Olha, você não precisa sair da TV Rio. Você pede para eles te emprestarem. Eles estão te pagando em dia? A TV Rio não está pagando em dia...”

Então... diz que você precisa ganhar dinheiro e você vem por empréstimo". Falei com os diretores da TV Rio e eles me emprestaram para a TV Globo. Acho que foi o único caso de empréstimo em televisão, isso se faz em futebol. Fulano, jogador tal, foi emprestado para o Flamengo, o Flamengo emprestou para o Vasco... Eu fui emprestado e não perdi o meu vínculo com a TV Rio. Só fiquei trabalhando na TV Globo. Um grupo lá do Rio Grande do Sul, dos padres capuchinhos... Salimen Júnior, que era radialista... compraram a TV Rio e eles disseram para mim: "Agora, você escolhe, ou fica lá ou vem para cá". Voltei para cá, porque não ia jogar fora aquilo tudo. Tive muita razão, porque quando a TV Rio entrou em um regime de falência eu entrei com uma ação, porque ela não me pagava há dois anos. Entrei com uma ação de rescisão indireta do meu contrato, e como tinha dois diretores da TV Difusora de Porto Alegre que eram diretores aqui, a TV Difusora de Porto Alegre que estava financeiramente muito bem, teve que me pagar. Ganhei nas três instâncias e recebi a minha indenização, que foi para mim quase uma independência financeira porque o apartamento que eu tenho, tudo isso que eu tenho, foi proveniente dessa indenização. De maneira que eu não errei quando preferi ficar numa estação que não era mais aquela grande estação, não tendo ido para aquela que era efetivamente, o que ainda hoje demonstra ser, uma estação de primeira linha.

Por que a TV Rio entrou em decadência?

Por causa da TV Globo. E não foi só ela. Pode dizer que não é monopólio, até acredito que não seja monopólio, porque existem várias aí, mas é uma estação que tem mais força do que todas as demais. Quais foram as estações que morreram no Rio de Janeiro com o advento e o prestígio cada vez maior da TV Globo? TV Continental, TV Rio, TV Excelsior, TV Tupi, contei quatro. Eu mesmo, quando estava na TV Rio, tive a exclusividade de transmitir a luta de boxe do século, entre o Foreman e o Cassius Clay (já se chamando Muhammad Ali, já tinha adotado a religião muçulmana) no Zaire. Eu fui fazer essa luta. E aqui, no Rio, a TV Globo foi em cima da TV Rio, oferecendo mundos e fundos para ela vender, deixaram a TV Rio transmitir também, mas ela queria. Ela [TV Rio] sabia que se ela [A Globo] transmitisse, ninguém ia ver [TV Rio], todos veriam por ela [Globo]. Até a última hora, a TV Rio não conseguiu vender aqui. Fui para lá [no Zaire] e ela não conseguiu vender, porque a TV Globo dizia que era ela que iria fazer [a transmissão da luta] e a TV Rio não teve tempo hábil para vender. Os donos da TV Rio eram donos dessa cadeia de hotéis chamada Sol e só anunciaram os hotéis deles... ou seja, eles não ganharam nada. Tiveram que pagar um dinheirão por aquela luta e a cidade do Rio de Janeiro parou, dizem que não havia movimento nas ruas, todo

mundo vendo essa luta, considerada luta do século. Foi extraordinária, uma vitória do Cassius Clay sobre o Foreman, notável, espetacular. Uma luta fora do comum, maravilhosa, e nós transmitimos sozinhos. Como sozinhos transmitimos, já em pleno apogeu da Rede Globo, a TV Globo comprou o Campeonato Mundial de Automobilismo, no ano de 72. Aí, a TV Rio fez um acordo com a RAI [TV italiana], quando o Milan veio jogar aqui: a TV Rio deu o *tape* do jogo para eles e eles ficaram obrigados a dar um evento esportivo futuro. Muitos anos depois, a TV Rio pediu o Grande Prêmio, em que o Emerson Fittipaldi ganhou pela primeira vez o título mundial. Foi campeão do mundo naquela corrida. A TV Globo fez a primeira, a segunda, a terceira, todas, aquela ela não fez, quem fez foi a TV Rio. Aí a TV Globo fez todas as demais. Essa foi uma resistência de quem já estava morrendo. Porque, na verdade, a TV Rio deveria ter vendido a luta do século e também essa corrida de automóvel, porque ela não tinha dinheiro nem para pagar os funcionários. Talvez, ali, arrumasse um pouco de dinheiro para cumprir esse compromisso que, evidentemente, tem que ser respeitado, porque não se pode nunca deixar as pessoas que trabalham sem direito de receber aquilo que ganham.

Em 1970, você voltou para a Rádio Globo. Como foi esse retorno?

Foi quando o Rui Porto saiu da Rádio Tupi e o Waldir Amaral veio lá na TV Rio e me convidou para almoçar ali pela redondeza, e ele disse: "Quero que você quebre um galho para mim. Nós dois somos velhos amigos..." Até me lembrou que eu havia apresentado a emissora Continental, quando ele saiu da Mauá e foi para a Continental, e foi aí que começou a ascensão dele. Então, ele disse: "Agora quero te levar para a Rádio Globo". E eu acabei indo. E foi bom, porque eu estava na TV Rio e a TV Rio não cumpria com os salários, estava difícil, era muito ruim a situação financeira da TV Rio. O que não ocorria, claro, com a Rádio Globo. Então, para mim, aquilo também foi uma coisa boa. Porque, se eu não recebia aqui, eu recebia lá. Então, a vida ficou mais tranqüila. Não precisava fazer papagaio em banco [risos]. Porque toda hora eu tinha que fazer. E eu tinha amigos nos bancos, então, eu tirava dinheiro desse banco para pagar aquele. Depois, tirava daquele para pagar a este. Assim eu ia fazendo, os gerentes eram meus amigos. Eu pagava juros, né? Sempre tinha que pagar juros e, naquele tempo, os juros eram de 10%. Se o sujeito tirava 300 reais - cruzeiros na época - eles não te davam os 300, eles tiravam a parte do percentual dos juros. Então, assim eu fui vivendo até a Rádio Globo. Em 70, eu não tinha mais esse problema. Já não precisava fazer nada nos bancos, nem usar a amizade dos meus amigos. Já deu para resolver os problemas. Foi essa oportunidade em que eu voltei a fazer rádio. E já estava convencido que rádio não era uma diversão de cegos. Rádio é, fora de qualquer dúvida, um meio

de comunicação que atinge as maiores distâncias e que suprem problemas muito sérios que, digamos, o ouvinte ou o telespectador tem. Porque há ocasiões em que, estando na praia, você fica sem saber se vai ver o seu jogo de futebol. Então, você leva o seu radinho de pilha para a praia e acompanha o jogo ali. Se você também é taxista e tem que trabalhar na hora de um jogo, você tem ali o rádio para te dar todas as informações e as transmissões. Então, eu acho que o rádio vai a pontos em que a TV ainda não vai. Embora ela já esteja indo muito longe.

E a cobertura da Copa de 1970, como é que foi?

Fiz a Rádio Globo, num *pool* com a Rádio Nacional, com a Rádio Gaúcha, de Porto Alegre. E uma rádio de Belo Horizonte também... Foi a Rádio Gaúcha só. Pela Nacional, foram o Cury, o Paulo César Tenius, Vitorino Vieira... Pela Rádio Gaúcha foi o Willy Gonzer, que hoje é locutor da Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, um dos locutores mais ouvidos em Minas. Eu, o Saldanha e o Waldir Amaral, pela Rádio Globo. Esse foi o *pool* que nós organizamos. E fazíamos coberturas. A primeira vez que se fez *off tube* foi aí, em um desses jogos. Porque quando terminou o jogo Brasil 3, Uruguai 1, continuou um jogo, também semi-final, para apontar os semi-finalistas. Terminou o jogo em uma outra cidade, do México, Alemanha e Itália; terminou 1 a 1 o tempo regulamentar e eles foram para uma prorrogação, e essa prorrogação foi sensacional. Aquele Beckenbauer, da Alemanha, teve uma fratura ou uma fissura em um braço, e jogou o tempo todo com o braço na tipóia. E assim mesmo foi uma das maiores figuras do jogo. Alemanha perdeu por 4 a 3, a Alemanha fez mais dois gols, e a Itália fez mais 3 gols. Quando terminaram, os 22 jogadores se deitaram no campo extenuados, pareciam que iam morrer. O pessoal abanando com toalhas. E essa parte, o Waldir Amaral, aqui de cima, e nós - eu e o Vitorino - no monitor. Ele virou para Vitorino e disse assim: "Vitorino, narra aí pelo monitor esse jogo de lá. Você comenta, Mendes". E eu comentei o jogo dali, daquele aparelho. Não imaginava que estava surgindo um novo caminho, porque, hoje em dia, quantas vezes o Galvão Bueno transmite a corrida de automóvel daqui do Rio de Janeiro. A gente sente, a gente vê que ele não está lá. E quantas vezes um locutor está transmitindo o futebol na Copa do Mundo da Alemanha, 70% das transmissões foram feitas *off tube*... através do aparelho de TV. Mesmo lá, porque, quando havia um jogo fora do centro de Munique, que era a parte principal, o jogo era em Berlim, por exemplo, não havia um locutor lá em Berlim, mas o jogo de Berlim vinha para uma sala imensa, onde se comandava todo tipo de transmissão. O centro de TV, o centro de comunicações, era num ponto lá e cada emissora tinha o seu escritório. Então, muitas vezes, os jogos eram feitos dali. Comentados daqui. O Gérson não pega avião de jeito nenhum para ir fora do Rio de Janeiro. Ele só faz

pela TV. E eu, devido à minha dificuldade de locomoção - tive um problema no pé - nem faço muito. Faço até de casa os jogos, quer dizer, naquele dia, naquele jogo, Itália 4, Alemanha 3, estava se inaugurando uma saída para a TV contornar certas dificuldades que, às vezes, as pessoas têm, por ser impossível encontrar tempo para se mudar de uma cidade para outra. Ou até mesmo isso que acontece com o Gérson, que tem medo de viajar de avião, e ele não viaja. Aí não é o Maomé que não vai montanha, é a montanha que vem a Maomé.

Ao vivo, dá uma cancha. Transmissão ao vivo...

A gente se aclimata, pega o ritmo. Toda a gente que faz esporte, em rádio e TV, é esse pessoal que é usado para a transmissão de carnaval, dessas coisas que são longas. Quem transmitiu carnaval na TV Rio? Era eu. Tinha o Hilton Gomes, que também vinha, mas o Hilton Gomes era do mesmo setor de reportagem, o Papinha... E tinha, na Globo, o Léo Batista, aquele que está lá na Manchete, mineirinho, muito bom locutor, depois eu me lembro. Agora também, tem o Luís Roberto, Cléber Machado...

A gente está falando da Copa de 70, em plena ditadura, em pleno governo Médici, fala-se muito do uso político que o Médici teria feito da vitória do Brasil. Qual era o clima real que vocês viveram naquela época?

Realmente houve muita influência militar na Seleção Brasileira. Basta que eu diga que a Seleção não podia nem conversar com a gente, a gente não conseguia entrar na concentração. Quando davam licença, eles vinham cá na frente conversar. Tinha um portão de grade, parecia até uma prisão. E só tinha militar ali. O chefe da delegação era um brigadeiro, Jerônimo Bastos. Era um *bon vivant*, um excelente cidadão, não era autoritário. Porque o pessoal da Aeronáutica nunca foi um pessoal autoritário. Os autoritários sempre foram os do próprio exército. Nem os marinheiros nem aviador, aeronauta, nenhum desses, pode reparar, nenhum deles foi autoritário... mas o pessoal do exército, autoritário. Tinha um tal de Guaranázio, parece que era esse o nome dele, um major, esse cara era um zagueiro para rechaçar a imprensa. Me mandaram uma carta para entregar para o Hércules Brito, zagueiro central da Seleção Brasileira, e eu recebi essa carta e a pessoa que escreveu era a minha conhecida. Disse: "Não entrega essa carta a ninguém a não ser o próprio Brito". E eu peguei, fui lá, para entregar a carta. A carta me chegou fora do dia, eram duas vezes por semana que a gente se encontrava com os jogadores. Chegou depois de um jogo, e ia faltar tempo para a gente ter esse encontro que a gente tinha. Então fui até lá, falei com o guarda: "Podia chamar o major Guaranázio aqui para ele me autorizar a falar com o Brito. Para mandar o

Brito aqui". Aí, veio o major: "O que é que foi?" Olha, estou com essa carta aqui para entregar para o Brito, mas o senhor pode ler aqui, aí ele leu, que só entregasse ao Brito, na mão. Ele leu. Então, queria entregar na mão do Brito isso. "Entrega a mim, que eu entrego a ele". Disse assim. "Não senhor, porque assim, eu não cumpro aqui". - "Então, o senhor não vai entregar". - "Então, não vou entregar..." E fui embora. Eles moravam em um motel, motel lá é um hotel menor, em que estacionam os automóveis, por isso, é uma mistura de hotel com motor... lá não tem o mesmo significado que aqui. Então eles moravam em um motel, e eu e a equipe da Rádio Globo estava em um outro motel. Mas eram próximos. Andando a pé, em 10, 15 minutos. Então, voltei pra lá. Só entreguei a carta ao Brito no dia em que eles abriram a tal janela. Então, disse ao Brito: "Olha, esta carta está comigo há quase uma semana, mas o homem aí não deixou". Estou contando isso para dizer que eles tinham um domínio muito grande, eles tomaram conta ali. O chefe da delegação era militar, embora fosse um cara bonachão. O Cláudio Coutinho era capitão do exército, estava na delegação. O treinador de goleiro era do exército e tinha um grupo de preparadores físicos, e tinha essa ligação. O militarismo estava ali. Agora, não se diga que o presidente Médici foi o primeiro a tirar proveito político de ganhar uma Copa. Todos os presidentes anteriores e que estavam no poder na ocasião de o Brasil ganhar a Copa tiraram proveito político. Juscelino tirou maravilhosamente, se juntou com o povo, o Palácio do Catete foi invadido pelo povo, ele estava lá no meio, abraçava jogador, fazia e acontecia. O João Goulart fez o avião que regressava do Chile parar em Brasília para ter um contato com os jogadores, foi aquela apoteose popular, e o presidente tirando o proveito. Fernando Henrique Cardoso levou os jogadores e teve até a cambalhota famosa do Vampeta na rampa lá do Palácio do Planalto. Então, todos os presidentes tiraram, não foi só o presidente Médici. E eu tenho essa coisa comigo. Eu não sou ponta esquerda politicamente, eu sou meia-esquerda. Eu joga com a camisa 10, a camisa do Pelé, porque eu não tenho o mesmo brilho dele. Politicamente, eu sou meia-esquerda. Não sou nem centro nem direita. Não sou ponta esquerda também, não sou extremista. Então, não sigo o que os extremistas seguem, acho que só o Médici, porque era da ditadura de direita, só ele é que tirou proveito...não! Outros tiraram proveito. E se fosse o Lula, que é mais à esquerda que a maioria, se o Brasil for campeão com o Lula, não tenho dúvida que ele também vai tirar proveito.

Como foi o episódio da saída do João Saldanha da Seleção? Você acompanhou?

Acompanhei muito de perto, porque eu era muito ligado ao João Saldanha. Só tinha uma pessoa no governo da República que gostava dele, e eu sei disso porque eu tinha um grande amigo, que morreu recentemente, Cláudio Medeiros, que era muito amigo do presidente Médici. O presidente Médici tinha uma amizade muito grande pelo pai do Cláudio Medeiros. E o Cláudio Medeiros, que era meu conterrâneo e amigo do Rio Grande do Sul, se dava muito com o presidente Médici, pela amizade do pai. Tanto que o Cláudio era procurador da Caixa Econômica. Quando o presidente Médici assumiu, o Cláudio passou a ser um dos quatro diretores da Caixa Econômica. Foi ele, por muitos anos, o diretor das loterias da Caixa Econômica. Então, o presidente Médici ligava muito para o Cláudio quando ele queria assistir a um jogo de futebol aqui no Rio, mas não queria honras de presidente. Ele ligava para o Cláudio, para o Cláudio falar comigo para ir para a minha cabine da TV Educativa. E ele ia incógnito. Ninguém recebia o presidente, e ele botava um chapéu, alguns reconheciam, mas ninguém se atrevia... "Olha, o presidente está ali". E ele ficava sentado atrás de mim. Quando o Grêmio vinha jogar aqui, no Rio, ele assistia ao jogo atrás de mim. Botava o radinho de pilha... Às vezes, ele desligava o radinho, porque a gente também estava falando dali. Mas o radinho de pilha dele colocava juntinho do ouvido e não atrapalhava em nada e o Cláudio junto. E o Cláudio me contava que ele tinha muita admiração pelo João Saldanha, que ele chamava de Don Quixote. Porque o João Saldanha era, realmente, um camarada cujas façanhas... Aquilo de dar tiro naquele farmacêutico que duvidou, que houve aquela coisa, que duvidou das pilhas do radinho de pilha, que ele mandou comprar e aí quando veio, ele botou de novo e o rádio continuou mudo aí ele mandou a empregada ir lá: "Diga lá que essas pilhas estão gastas". A empregada chegou lá e voltou. "O homem disse que não, que experimentou as pilhas e que as pilhas estão boas". Aí, ele pegou um revólver que ele tinha lá, pegou as pilhas e foi lá na farmácia. "O senhor pega essas pilhas e bota aí para ver se elas estão boas". Aí botou e não estavam boas. O cara disse para ele: "O senhor trouxe pilhas velhas". Ele perdeu a linha. Pegou o revólver e deu um tiro para o chão, pôs aquela farmácia em pavorosa... foi uma confusão. Ele era assim, o João. Ele dizia, e disse uma vez para mim, no dia em que ele foi dar o tal tiro no Mangue... Eu disse: "eu vou com você, para você não fazer bobagem..." Ele disse: "Fica longe. Minhas brigas não são de arranhão. As minhas brigas são de talho." Veja você como ele era... No Mangue, ele deu dois tiros lá, aquela coisa toda, todo mundo sabe. Então, o Médici achava que ele era um Dartagnan, um bravateiro e gostava dele. Quando o Médici falou que gostaria de ver Dario na Seleção Brasileira, e ele disse que o presidente escalava o ministério dele, mas que o time do Brasil, quem escalava, era ele, Saldanha. Se o Médici fosse aquilo que o pessoal

de esquerda diz, se ele fosse fazer aquilo que disseram que ele fez, não ia fazer oito meses depois, fazia no dia seguinte. Porque a tal revolução, põe entre aspas, porque, para mim, aquilo não foi revolução: foi um golpe, ela punia imediatamente. Punia o que achava que tinha que punir. Aquele deputado Márcio Moreira Alves fez o discurso e, no dia seguinte, estava cassado. Lá no Rio Grande do Sul, havia dois candidatos a governador do estado: um do governo, Walter Peracchi Barcelos, um militar, e o outro era o Rui Cirne Lima, o candidato de oposição. Então, eles contaram e viram que dos 25 deputados, 11 iam votar no Cirne Lima e 13, ou, eu não sou bom matemático, os restantes iam votar no Peracchi, que o Peracchi ia ganhar. Mas tinha um deputado chamado Cândido Norberto, locutor esportivo, por sinal, meu amigo, e um outro, os dois disseram: "Então, vamos votar no Cirne Lima, porque cassaram dois ou três para que continuasse ganhando e votariam declaradamente no Cirne Lima. Sabem o que fizeram, na mesma hora?" Cassaram eles dois também. Então, quem ganhou foi o Peracchi Barcelos. Porque a revolução manipulava desse jeito, não ia esperar oito meses para tirar o Saldanha. Quem tirou o Saldanha não foi o pessoal da chamada revolução, foi o Havelange e o Antônio do Passo. Quando eles chegaram na reapresentação da Seleção Brasileira no Retiro dos Padres, em São Conrado, eu estava presente e o Saldanha, dois dias antes, tinha ido à concentração do Flamengo para dar um tiro no Yustrich, porque o Yustrich tinha dito que o Saldanha não tinha competência para ser técnico da Seleção Brasileira. Ele foi a São Conrado, onde tinha a concentração, até hoje tem, uma casa bonita, um palacetezinho que tem ali, aquilo pertence ao Flamengo, ali era a concentração. Estava lá um goleiro que tinha vindo para o Flamengo, do interior do país, chamado Adão, um negão alto, forte, e o Saldanha chegou e perguntou: "Cadê o Yustrich?" Aí, o Adão disse: "Não sei". Ele deu um empurrão, ele com o revólver. O Aparício Vianna e Silva, um jornalista de Porto Alegre, que era o auxiliar técnico dele, foi junto com ele. Isso tem uma repercussão tremenda, só que ele não achou o Yustrich. Mas todo mundo ficou sabendo. Foram os jornalistas seguindo, porque sabiam que ele ia lá para dar um tiro no Yustrich, então, isso foi muito propalado. Bom, aí, já ficaram... ele, não sei porque, estava dormindo em cima de um sofá e aí os jogadores foram chegando. Eu me lembro que o Pelé chegou e disse: "Ué, o chefe está dormindo?" E bateu na cabeça dele e ele continuou dormindo. O Pelé foi lá pra cima. E eu vi quando o Antônio do Passo e o Havelange foram para uma janela, que ficava assim no fundo e começaram a conversar e já, naquela mesma noite, ele foi destituído. Já na mesma noite. Mas foi oito meses depois da declaração do ministério, aquela coisa que eu contei. No meu modo de ver, a demissão dele foi ocasionada por uma decisão do Havelange com o Antônio do Passo. Acho que eles acharam que ele estava alcoolizado quando estava

dormindo naquele sofá. E já havia acontecido também o fato do Yustrich. Daí, é muito mais cômodo para o pessoal que, ideologicamente, discordava da revolução, e eu me incluo entre os que, ideologicamente, discordavam, mas não com esse extremismo de modificar a história para satisfazer a divulgação de uma força ideológica. Então, estou contando aquilo que eu acho que foi e não o que muita gente pensa que aconteceu.

A televisão mudou muito a narração do rádio, dos jogos?

Começou assim. Porque os primeiros locutores da TV foram oriundos do rádio. Antônio Maria, que tinha sido locutor na Bahia, na Rádio na Bahia, o Rui Viotti, que tinha sido locutor aqui no Rio, o Ary Barroso, tinha sido locutor de rádio e eu, quando fui para a TV Rio, também tinha sido locutor de rádio. Mas eu entrei com uma disposição de fazer uma forma de transmissão tipo televisão. Eu não gritava gol, eu vinha narrando e dizia assim: "vai marcar", ou então "vai marcar..." Isso era o Ademir que dizia: "vai marcar", e marcava mesmo. Outro qualquer, de bom nível, mas capaz de fazer o gol, eu dizia "pode marcar". E os que eu sabia que não chutavam bem, não dizia nem que pode nem que vai. Eu ficava...chuta! Se a bola entrasse, eu não dizia, como eles diziam: "Gooooooooooooooooooooool". Acho isso ridículo. Porque o rádio precisa do som, para você saber. Vamos dizer que você resolve tomar um cafezinho na cozinha e o rádio fica ligado. Aí você ouve lá "goooooooooooooooooooooool", aí você, lá mesmo no cafezinho, você põe o ouvido antenado para saber de quem foi o gol. Porque o rádio tem que projetar o som, a televisão, você está vendo. Sabe como eu dizia: "o fulano chutou, é gol". Eu criei essa forma de dizer. Você ouve muito locutor dizer, não só no rádio como na TV: "É gol". Depois, é que grita: "Gooooooooooooooooooooool". Eu não gritava. Eu dizia: "é gol. Que lindo gol... Que beleza, como chutou bem o fulano". Assim é que eu fazia... E o Raul Tabajara, em São Paulo, também. O Raul Tabajara era mais perfeito do que eu. Eu ainda tinha, de vez em quando, me pegava em um vício da transmissão radiofônica, mas o Raul Tabajara, não. Eu me lembro de uma transmissão que eu ouvi do Raul Tabajara que o Pelé estava cercado por cinco ou seis jogadores e ele disse: "Vamos ver como o Pelé vai conseguir desamarrear esse nó cego". Já conseguiu desamarrear uma parte, a segunda parte, a terceira... quando o Pelé conseguiu fazer o gol, ele disse: "Desamarrou o nó cego. Que beleza..." Ele fazia uma transmissão para a televisão. De repente, começaram a chegar uns que fazem um rádio fotografado. "Fulano com a bola passou para beltrano..." Isso aí não é necessário... "Tirou de cabeça..." Ué? O cara é cego? Essa sim, essa transmissão para cego, porque o cego é bom que se diga que a bola foi tirada de cabeça, porque o que está vendo o jogo, sabe que foi tirada de cabeça. Afastou, fez um

bloqueio aí, que bonito bloqueio... que ótimo. "Está marcando bem o beltrano". O que estão fazendo hoje é rádio fotografado.

Qual foi a importância do *Jornal dos Sports*, do Mário Filho, para a cobertura do esporte?

Esse jornal teve grande importância, e na época da Copa do Mundo, o Brasil tem um futebol de antes e depois do Maracanã. O divisor de águas, ou o marco, indiscutivelmente, o Maracanã, porque antes do Maracanã, o Brasil não tinha ganhado nada. Só dentro de casa. Tinha três sulamericanos - de 1919, 1922 e 1949. Fora, então, não havia conseguido absolutamente nada. Primeira grande vitória do Brasil fora de casa, da Seleção Brasileira, foi em 52, dois anos depois do advento do Maracanã. Tudo aconteceu depois do Maracanã. Então, quem trabalhou para o Maracanã tem uma contribuição muito grande para o desenvolvimento do futebol no Brasil. Para que o futebol brasileiro fosse o que é... aquele que detém o maior número de títulos mundiais... Então, o Mário Filho, que liderou pela imprensa a campanha em favor da construção do Maracanã, que foi feita em tempo recorde, se construiu em pouco mais de dois anos, três anos, quase, entre dois anos e sete meses, eu acho, ele foi o baluarte da imprensa, por isso o estádio tem o nome do Mário Filho, com toda justiça. Portanto o *Jornal dos Sports* era dirigido pelo Mário Filho e o setor de esportes, as páginas esportivas d'*O Globo* também dirigidas pelo Mário Filho. Então, ele teve essa contribuição importantíssima. Outro foi o Ary Barroso, porque Ary Barroso era vereador na época, e ele teve que enfrentar uma batalha tremenda na Câmara de Vereadores, não era um qualquer, não. Era contra o Carlos Lacerda, aquele leão da palavra, o maior tribuno do Brasil, indiscutivelmente, o maior orador que esse país tinha. Ele, contra, porque ele era do partido contrário ao do prefeito. O prefeito Mendes de Moraes foi outro herói, porque ele sustentou uma batalha para construir o Maracanã. O Lacerda queria que o estádio fosse nacional e não municipal, justamente porque politicamente ele não tolerava o partido do prefeito, que era PSD, ou PDS, sei lá... Partido Social Democrático, e, então, ele fez uma campanha, e até o Niemeyer fez uma maquete para o estádio em Jacarepaguá, que se chamaria Estádio Nacional. Mas, me lembro que tinha ali, onde hoje há a UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro], uns edifícios que servem hoje como sala de aulas, então, ali havia um esqueleto, o edifício que era um hospital, que não tinha tido verba para continuar. Então, o Lacerda dizia: "Não há dinheiro para construir um hospital e querem construir um estádio. Quantos hospitais não se poderiam construir com o dinheiro que vão gastar com a construção do estádio?" E não sei quem é que disse para o Mendes de Moraes uma resposta maravilhosa para isso: "Quantos mais estádios construirmos,

menos hospitais teremos que construir". Foi a resposta do Mendes de Moraes. E o Ary Barroso deu essa resposta para o Lacerda, cara a cara, dentro da Câmara dos Vereadores. Foi o Ary Barroso quem enfrentou essa tempestade verbal que era, indiscutivelmente, o Carlos Lacerda. Esses dois foram baluartes na defesa e o outro foi o Mendes de Moraes. Tanto é que, a minha mulher, quando deputada, por sugestão minha, colocou nome do Complexo do Maracanã, de Conjunto Esportivo Prefeito Mendes de Moraes. Porque ali tem o Parque Aquático Júlio Delamare, que foi um grande animador dos esportes amadoristas, principalmente a natação. Então mereceu ter o nome dele ali. O ginásio passou a ser Gilberto Cardoso, que, no dia em que se decidiu o primeiro campeonato estadual de basquete no Maracanãzinho, teve um infarto e morreu, saiu de lá ainda vivo, mas morreu no Hospital Souza Aguiar. O Flamengo foi campeão e ele era o presidente do Flamengo, o Maracanãzinho ganhou o nome de Gilberto Cardoso. O estádio Célio de Barros foi dado ao maior animador do atletismo no Brasil, o Célio de Barros, que era um jornalista. E o estádio de Futebol Mário Filho. Então, temos o Parque Aquático Júlio Delamare, o Célio de Barros, que é o atletismo, o estádio, que é Mário Filho, e o ginásio, que é o Gilberto Cardoso. Mas e onde é que fica o Mendes de Moraes? Ele tinha um busto que arrancaram quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo e jogaram naquele riacho que passa ali e que chamam Rio Maracanã (aqui no Rio, Rio Amazonas ou o São Francisco, o Guaíba são rios... que a gente perde de vista de água. Mas aquilo ali é um riacho, um lageado, como dizem na minha terra... Mas chamam de Rio Maracanã) Jogaram ali e o busto se perdeu. Então, eu digo, vamos fazer justiça, não é, claro, ele era general, depois passou a ser até marechal, então parecia que a gente estava apoiando o militarismo, não é. Por isso disse a ela, não coloque general, não ponha complexo também, porque complexo parece complexo de inferioridade. Vamos colocar: Conjunto Esportivo Prefeito Mendes de Moraes. Mas ninguém fala, ninguém sabe, nem o presidente lá da Suderj que aquele conjunto que ele comanda se chama legalmente, com lei aprovada na Assembléia Legislativa, Conjunto Esportivo Prefeito Mendes de Moraes. Não sabem.

Você estava no prédio d'O Globo, em 1954, quando tem aquela tentativa de invasão popular depois da morte de Getúlio? A rádio já estava lá?

Estava ali.

Qual é a sua lembrança daquele dia?

Ali, eu tive...você sabe que eu era getulista, eu, provavelmente o único getulista de toda a equipe da Rádio Globo. A Rádio Globo era, toda ela, botou todas as suas antenas e microfones contra o governo do Getúlio Vargas. E o Carlos Lacerda

praticamente assumiu os horários da Rádio Globo e era ele que atacava o Getúlio. E eu trabalhando na Rádio Globo, então eu me lembro que, no dia em que o Getúlio suicidou-se, eu saí com o meu carro e o Raul Brunini era o meu vizinho. Eu disse: vamos lá para a Rádio Globo. Mas eu ainda não sabia...Não! Eu já sabia, eu tinha ouvido no rádio que ele havia se suicidado. Aí, o Raul Brunini disse para mim: "Eu vou pra rádio". Eu digo, eu também vou, eu sabia que ia ter uma revolta popular. Nós temos que defender a rádio, é o nosso lugar. Eu peguei o meu carro, eu tinha um conversível e, naquele tempo, a gente podia ter um conversível no Rio de Janeiro, porque hoje acho que matam a gente, cortam a cabeça da gente... Agora você tem que ter carro blindado atualmente. Mas, na verdade, eu tinha um conversível de capota arriada e tudo. Primeiro passamos onde morava o Amaral Neto e pegamos também um bispo chamado Távora, todo mundo era da UDN ali. O Raul Brunini, o bispo Távora e o Amaral Neto. E fomos no meu carro lá para a Rádio Globo. Deixei meu carro longe, porque sabia que ia haver avanço popular. De repente, começou aquela coisa. E aí deu um pouco de covardia na maioria das pessoas, porque sentiram que o povo ia entrar ali e eu "temos que defender". E eu me orgulho muito disso, de ter sido o comandante da resistência. Porque nós tínhamos lá umas repartições na sala da administração da Rádio Globo, onde funcionava a redação do radiojornal, a parte de esporte, tudo funcionava ali, mas era aquele negócio que vai até a metade, não vai até o final do texto, as divisões. Aquilo era seguros por uns negócios de ferro que pareciam umas espadas. Olhei para aquilo e disse que era com aquilo que a gente ia se defender. Arranquei e vi que dava para cada um dos homens. Aquele negócio que parecia uma espada, dei para cada um e fiquei com uma também. A escada que levava do térreo até onde nós estávamos, o último andar, sempre tem escada, tinha elevador, dava para passar, no máximo, duas pessoas, era estreitinha. "Vamos fechar a porta". Mandamos fechar a porta da frente, fechamos a porta. Eu digo "o elevador vai lá pra cima, ninguém vai poder subir pelo elevador, porque se o elevador estiver no último andar, só pode subir pela escada". E tinha um que estava com uma pistola 45, um camarada que fazia um programa da Tupi que era verdadeiramente violento, que atacava o índio. *Com índio, não tem bandeira*, era o nome desse programa. O índio era o símbolo da Tupi, rádio, e da Tupi, televisão. E esse rapaz fazia esse programa, ele estava lá. Aí eu disse: "Você fica embaixo, fica na altura do primeiro andar. Se alguém subir, você não atira em ninguém, mas atira para o alto, para onde você quiser, que o cara vai ficar com medo. Ninguém vai entrar". E pedi para a polícia que já estava lá, para que ficasse do lado de dentro da porta, não na frente, porque também... aí eles seriam obrigados a atirar. E o povo veio, veio uma avalanche de povo. Lá de cima, a gente enxergava aquela avalanche,

mas eles não conseguiram derrubar a porta, só quebraram um vitral que tinha na frente do edifício, e para você ver como a vida é engraçada e, ao mesmo tempo, cheia de coincidências. Esse vitral que tinha na frente do edifício era o escudo do Rio Grande do Sul, ali era o edifício Riograndense. O mesmo escudo que veio no quepe dos revolucionários de 1930 e que puseram o Getúlio no poder. Eles estavam destruindo aquele símbolo que havia vindo quando os gaúchos amarraram os cavalos no obelisco na vitória de Getúlio Vargas ao assumir o poder em 1930.

Como você uma iniciativa como essa, de resgate da memória do jornalismo brasileiro?

Vejo isso como uma coisa absolutamente necessária. Porque o Brasil tem a fama de ser um país sem memória, e é. Muita coisa ninguém lembra, ninguém recorda, ninguém valoriza. No meu setor, a Copa do Mundo foi ganha pelo Brasil cinco vezes, ela foi ganha pelo Uruguai duas vezes, mas os uruguaios, antes de ganharem a Copa do Mundo, ganharam dois campeonatos de futebol olímpico em 1924 e 1928. Então os uruguaios, depois que ganharam em 50, começaram a fazer um jantar, a que compareciam o presidente da República, o presidente da Federação, da Associação Uruguaia de Futebol, todas as autoridades do país, e era o jornal *El País* que organizava, e todos os atletas, os jogadores que ganharam essas competições compareciam. Evidente, quando eles ganharam em 30, aliás, não a de 50, porque a de 50, eles continuaram fazendo, ainda existiam alguns poucos de 24, 28 e 1930. Ainda existiam, uns três, quatro, porque haviam morrido. Mas em 50 houve uma renovação com os campeões mundiais que ganharam o título no Brasil. Então, eles foram fazendo esse jantar sempre, sempre, enquanto esteve vivo um campeão. Tem ainda alguns que jantam juntos, e aí com a presença das autoridades. No Brasil, eu só vi uma vez reunirem. Não só os campeões, mas alguns que não foram campeões, ou a maioria que não foi campeã. Foi o Zico quem conseguiu fazer isso quando inaugurou o Centro de Treinamento dele lá na Barra da Tijuca. Eu fui lá na festa e encontrei jogadores de todas as seleções brasileiras. E até de 1930, ainda havia jogadores. Havia o Carvalho Leite, era de 30 e era 34, foi o último que morreu dessa geração, dos que jogaram na primeira Copa e na segunda Copa, e não ganharam. Dessa terceira Copa lá estavam o Domingos da Guia, que ainda estava vivo, o Alfonsinho, que era *half* esquerdo (se dizia assim, antigamente), tava o Lopes, que foi ponta direita, que jogou pelo Corinthians, tava o Leônidas da Silva, muitos já doentes, mas lá estavam. O Zico conseguiu reunir jogadores... não sei quais, dá para contar... Talvez seja mais fácil contar os que não estavam do que os que estavam. O Zico fez isso. Foi uma festa para eles lá, uma homenagem, e também agora, em Brasília, eu

compareci, porque fui um dos últimos moicanos da cobertura da Copa de 58. E então, o presidente da República recebeu, deu um almoço no Palácio do Itamaraty, recebeu alguns jogadores da Copa de 58. Nem todos, porque muitos deles foram doentes, mas outros estavam tão doentes que não puderam ir. Muitos, lamentavelmente, já morreram. Mas isso nunca se fez no Brasil. O Brasil não tem memória. Não era o governo quem tinha que fazer, o governo tinha apenas que apoiar. Quem tinha que fazer isso seria a Confederação Brasileira de Futebol, que não faz. Esses jogadores, muitos deles, passam necessidade. A Confederação Brasileira de Futebol, que nada em ouro, que é rica, tinha que ajudá-los, de alguma maneira, não sei qual, nem posso sugerir qual seja, porque essa não é essa uma tarefa minha. Até gostaria de ter uma sugestão, até para a presidência da República mesmo, porque foi feito lá um apelo para que dê uma pensão, que seja hereditária para os familiares, para esses jogadores que estão vivos e para as famílias daqueles que já morreram. Porque ninguém projetou mais o país do que a Seleção de 58, que foi quando o Brasil foi apresentado ao mundo. Então, esta iniciativa é sensacional. É preciso que todos colaborem para que ela seja um sucesso e que ela seja um motivo para despertar as nossas autoridades, sejam elas do governo, sejam elas principalmente do esporte, para que sejam amparados, com um ato de dignidade e uma honra a esses que construíram a grandeza do nosso país.